



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SAÚDE E AMBIENTE – PPGSA

NAYRA REJANE ROLIM GOMES

**COMO BRINCAM AS CRIANÇAS DA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE
JAMARY DOS PRETOS EM TURIAÇU – MA**

SÃO LUÍS - MA

2018



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SAÚDE E AMBIENTE – PPGSA

NAYRA REJANE ROLIM GOMES

**COMO BRINCAM AS CRIANÇAS DA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE
JAMARY DOS PRETOS EM TURIÁÇU – MA**

Dissertação apresentada ao programa de pós-graduação em Saúde e Ambiente da Universidade Federal do Maranhão, como requisito parcial para obtenção do grau de mestre.

Área de concentração: Saúde e Ambiente.

Orientador: prof. Dr. Istvan van Deursen Varga

Coorientadora: Profa. Dra. Dulcinéia de Fátima Ferreira

SÃO LUÍS – MA

2018

Gomes, Nayra Rejane Rolim.

Como brincam as crianças da comunidade quilombola de Jmary dos Pretos em Turiaçu - MA / Nayra Rejane Rolim Gomes. - 2018.

120 f.

Coorientador(a): Dulcinéia de Fátima Ferreira.

Orientador(a): Istvan van Deursen Varga.

Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Saúde e Ambiente/ccbs, Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2018.

1. Comportamento infantil. 2. Costumes. 3. Etnografia. I. Ferreira, Dulcinéia de Fátima. II. Varga, Istvan van Deursen. III. Título.

Nayra Rejane Rolim Gomes

**COMO BRINCAM AS CRIANÇAS DA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE
JAMARY DOS PRETOS EM TURIÁÇU - MA**

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Saúde e Ambiente, Universidade Federal do Maranhão – UFMA, como requisito final para obtenção do título de Mestre em Saúde e Ambiente.

Data de Aprovação: ___/___/___

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Istvan van Deursen Varga (Orientador)

Universidade Federal do Maranhão

Prof. Dra. Dulcinéia de Fátima Ferreira (Coorientadora)

Universidade Federal de São Carlos

Profa. Dra. Zulimar Márita Ribeiro Rodrigues

Universidade Federal do Maranhão

Prof. Dr. José Aquino

Universidade Federal do Maranhão

Profa. Dra. Rosinete de Jesus Silva Ferreira

Universidade Federal do Maranhão

RESUMO

A população brasileira é composta por um povo diverso com heranças vindas de europeus, índios e africanos. Sendo assim, faz parte de nossa sociedade um grande grupo de comunidades tradicionais como as quilombolas. O comportamento humano é dependente do contexto social e de costumes de cada povo, e, dentre esses comportamentos, se destaca o brincar que é repleto de significado e expressões dos costumes que rodeiam cada criança. **Objetivo:** perceber como brincam as crianças da comunidade quilombola de Jamary dos Pretos em Turiaçu – MA, através da descrição dos brincares e identificação de costumes próprios da comunidade pesquisada. **Métodos:** pesquisa qualitativa etnográfica foi realizada através da observação e convivência na comunidade quilombola e entrevistas semiestruturadas. Para a análise foi utilizado o método de análise de conteúdo utilizando de critérios quantitativos e qualitativos. **Resultados:** foram catalogadas 33 brincadeiras em Jamary dos Pretos e percebido que, embora muitas crianças relatem não brincar com os pais, elementos históricos de Jamary e costumes relacionados ao dia a dia na comunidade são percebidos durante o brincar. Brincadeiras comuns na comunidade pesquisada são encontradas também em outras regiões, segundo outros autores, porém cada local carrega elementos peculiares de suas sociedades. O contato direto com a natureza também traz significado para os brincares encontrados. **Conclusão:** A brincadeira preferida das crianças de Jamary dos Pretos é o futebol, tendo como brinquedo predileto a boneca. Gostam de brincar em casa, com contato com a natureza e animais. Relatam não brincar com os pais, mas aprendem as brincadeiras com outros amigos e muitas vezes com os pais ou pessoas mais velhas da comunidade. Em forma de texto, recortes de falas, imagens e reflexões, foi possível transcrever os brincares das crianças de Jamary dos Pretos e como o que é aprendido e observado no cotidiano é demonstrado tão naturalmente por esses indivíduos. Os costumes de Jamary estão impregnados na forma de brincar e a história de Jamary continua a se construir através das crianças.

Palavras-chave: etnografia; comportamento infantil; costumes.

ABSTRACT

The Brazilian population is made up of a diverse people with inheritance from Europeans, Indians and Africans. Thus, a large group of traditional communities such as the Quilombolas are part of our society. Human behavior is dependent on the social context and customs of each people, and among these behaviors stands out the play, which is full of meaning and expressions of the customs that surround each child. **Objective:** To understand how children of the Quilombola community of Jamary of the blacks in Turiaçu – MA, through the description of the play and the identification of the customs of the community researched. **Methods:** Ethnographic qualitative research was accomplished through observation and coexistence in the Quilombola community and the interstructured interviews. For analysis, the method of analysis of content using quantitative and qualitative criteria was used. **Results:** Were catalogued 33 pranks in Jamary of the blacks and perceived that although many children report not playing with parents, historical elements of Jamary and customs related to day-to-day in the community are perceived during the play. Common jokes in the researched community are found also in other regions, according to other authors, but each site carries peculiar elements of their societies. Direct contact with nature also brings meaning to the toys found. **Conclusion:** Jamary's children's favorite game of the Blacks was soccer, having as their favorite toy the doll. They like to play at home, in contact with nature and animals. They report not playing with parents, but they learn to play games with other friends and often with parents or older people in the community. In the form of text, clippings of speeches, images and reflections, it was possible to transcribe the plays of Jamary's children from the Blacks and how what is learned and observed on a daily basis is so naturally demonstrated by these individuals. The customs of Jamary are impregnated in the form of play and the history of Jamary continues to be constructed through the children.

Keywords: ethnography; childish behaviour; mores

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	12
2. CONTEXTUALIZANDO A PESQUISA	14
3. REFERENCIAL TEÓRICO	20
3.1 A criança e o brincar.....	20
3.2 Conhecendo Jamary dos Pretos.....	28
4. MÉTODOS.....	41
5. RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	47
6. CONCLUSÃO.....	62
REFERÊNCIAS.....	64
ANEXO	71
APÊNDICES.....	74

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1 - Comunidade de Jamary dos Pretos
- Figura 2 - Mapa da comunidade de Jamary dos Pretos
- Figura 3 - Rua de Jamary dos Pretos
- Figura 4 - Tambor de Crioula em Jamary dos Pretos
- Figura 5- Crianças brincando em frente à escola municipal de Jamary dos Pretos
- Figura 6 - Atendimento médico realizado pelo NuRuNI através do projeto sobre hipertensão
- Figura 7 - Crianças e pais acompanhando e sendo entrevistados
- Figura 8 - Lista de brincadeiras selecionadas e escritas pelas crianças
- Figura 9 - Crianças jogando futebol
- Figura 10 - Criança demonstrando onde brinca de casinha e de escola
- Figura 11 - Crianças brincando de rodinha
- Figura 12 - Criança brincando de cavaleiro
- Figura 13 - Criança mostrando o mato

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - As funções do brincar e seus efeitos sobre a criança

Tabela 2 - Trabalhos publicados sobre Jamary dos Pretos

LISTA DE GRÁFICOS

- Gráfico 1 - - Brincadeiras preferidas pelas crianças de Jamary dos Pretos
- Gráfico 2 - - Brinquedos preferidos das crianças de Jamary dos Pretos
- Gráfico 3 - Crianças que dizem brincar com os pais ou não
- Gráfico 4 - Quantitativo de com quem as crianças aprenderam as brincadeiras que mais gostam
- Gráfico 5 - Locais escolhidos como os preferidos para brincar

LISTA DE APÊNDICES

- Apêndice A - Roteiro de entrevistas para pesquisa
- Apêndice B - Termo de assentimento livre e esclarecido
- Apêndice C - Termo de consentimento livre e esclarecido
- Apêndice D - Livro “Brincadeiras de Jamary dos Pretos”

1. INTRODUÇÃO

A população brasileira é composta por um povo diverso com heranças vindas de europeus, índios e africanos. Sendo assim, faz parte de nossa sociedade um grande grupo de comunidades tradicionais como as quilombolas.

Segundo a Fundação Cultural Palmares (2016), o Maranhão é o segundo Estado com maior número de comunidades quilombolas certificadas no Brasil, com 653 comunidades remanescentes de quilombos, perdendo apenas para a Bahia com 718.

Dentre as comunidades quilombolas no Maranhão, destaca-se a comunidade de Jamarý dos Pretos, localizada a leste do município de Turiaçu, com população estimada em mais de 1,5 mil pessoas em cerca de 300 moradias (SILVA, 2015). Foi uma das primeiras a ser certificadas pela Fundação Palmares em 2014.

Em Jamarý dos Pretos, como em outras comunidades rurais, o cotidiano é composto por costumes próprios envolvendo características do local habitado, das relações sociais e da construção histórica desse povo. Sabendo que o comportamento humano é dependente do contexto social e de costumes de cada povo, questiona-se sobre o brincar das crianças que vivem em locais como Jamarý dos Pretos.

O brincar proporciona à criança a primeira experiência social. É onde lhe são despertados o prazer, a descoberta, o domínio, a criatividade e a expressão de si mesmo. O prazer é um aspecto determinante para que a criança se mantenha na brincadeira, encare desafios e aprenda a transpor dificuldades que lhe são impostas. A curiosidade e a capacidade de superação despertam o prazer intrínseco do brincar. Desta forma vem a descoberta. O experimentar através das sensações, da exploração de si, do outro e do objeto proporcionam a consciência do funcionamento do mundo e o aprofundamento de sua compreensão deste. Ela então domina, pela primeira vez, ao influenciar o ambiente decidindo sobre a sua criação e seu desfecho. Cria suas próprias formas de resolver problemas, demonstrando assim sua criatividade em sua atuação e comunica seus sentimentos em suas ações (FERLAND, 2006).

MARQUES (2011) ressalta que o brincar é um fenômeno universal na espécie humana, durante a infância. Percebe-se, ainda, uma diversidade entre a brincadeira desenvolvida pelas crianças de acordo com suas culturas, sociedades, costumes e crenças. Trazendo assim, o olhar para a influência do contexto social de um povo na forma com que as crianças brincam.

Sabendo disso, e pensando na população de Jamarý dos Pretos, e em seu cotidiano repleto de memórias e heranças histórico-tradicionais da comunidade, é permitido pensar que o brincar infantil contenha elementos característicos da população e se desenvolva de forma própria. Realizar essa pesquisa contribui com a preservação da memória de Jamarý dos Pretos

e suas tradições e na divulgação de costumes da comunidade tradicional de quilombo. Justifica-se aqui o interesse em realizar uma pesquisa de cunho etnográfico tendo como **objetivo principal perceber “Como brincam das crianças da comunidade de Jamarý dos Pretos em Turiaçu - MA”, e, como objetivos específicos, descrever os brincares das crianças de Jamarý dos Pretos e identificar, nas brincadeiras, costumes próprios da comunidade quilombola pesquisada.**

2. CONTEXTUALIZANDO A PESQUISA

Antes de adentrarmos nesta primeira parte do trabalho, alguns esclarecimentos são necessários, pois este capítulo, trata da descrição do percurso acadêmico, profissional e pessoal da pesquisadora; por este motivo, optamos por escrevê-lo em primeira pessoa do singular. Foi uma forma que encontramos de contextualizar o percurso que levou até a presente pesquisa sobre o brincar na comunidade quilombola em Jamarý dos Pretos. Trata do processo de formação e aproximação com a temática criança e o brincar. Desde a graduação até a participação no NURUNI (Núcleo de Extensão e Pesquisa com Populações e Comunidades Rurais Negras Quilombolas e Indígenas) e no Programa de Pós-Graduação Saúde e Ambiente da Universidade Federal do Maranhão.

- Percursos e processos

Em minha caminhada acadêmica, a paixão pelo cuidar do outro sempre existiu, embora eu não reconhecesse tão claramente antes de ingressar na graduação. Imaginava que, pelo amor à arte, à música e ao canto, a profissão que mais se aproximava das minhas habilidades era a de Fonoaudióloga, então prestei vestibular para o curso de Terapia Ocupacional na Faculdade Santa Terezinha - CEST e passei. No dia da matrícula descobri que não houve alunos aprovados o suficiente para formar a turma e me dispus a conhecer outros cursos na área da saúde, pensando que, ao findar o primeiro período, poderia aproveitar as disciplinas e me transferir para a turma de fonoaudiologia, que até então era o curso que eu desejava seguir.

Na busca de qual curso me encaixar provisoriamente, conheci a Terapia Ocupacional. Curso esse que vê o ser humano como um ser biopsicossocial e que tem como objetivo devolver ou desenvolver a independência e qualidade de vida a seus pacientes, através do fazer humano e de atividades. Reconheci-me desde a descrição da profissão e fui incapaz de querer outro caminho para minha vida profissional. A possibilidade de utilizar atividades tão comuns ao cotidiano como desenhar, pintar, se vestir, comer, jogar, brincar, dentre outras, como um recurso terapêutico que trariam saúde a outras vidas, me encantou de tal forma que decidi seguir esse rumo, não importando as dificuldades que me trariam por ser uma profissão tão pouco conhecida no Brasil.

Ao longo da graduação, cada vez mais me apaixonava pela formação em que estava inserida, conheci diversos campos de atuação e uma ação em particular me chamou a atenção enquanto eu cursava ainda o quarto período: a ofurôterapia, técnica utilizada com bebês, em especial prematuros. Ela possibilita a organização neurocomportamental do recém-nascido por reproduzir condições ambientais semelhantes ao útero materno auxiliando, assim, em seu desenvolvimento neurológico. Visualmente é apenas um “banho de balde”, mas que exige toda

uma técnica e condições adequadas para acontecer. Conhecer esse novo mundo aparentemente tão simples, porém de um benefício tão grande na vida das crianças, motivou-me a buscar esse conhecimento e fazer diferença na assistência à saúde infantil.

Foi a partir de então que decidi seguir no trabalho com bebês e crianças. Ao fim da graduação, parti para outros estados do Brasil em busca da especialização que me permitisse aprofundamentos para tratar crianças. Tamanha foi a minha surpresa ao saber que na cidade de São Luís, no Maranhão, minha cidade natal, estavam abertas as inscrições para a Residência Multiprofissional em Saúde, com foco em Atenção a Neonatologia. Retornei e cursei essa pós-graduação no Hospital Universitário da Universidade Federal do Maranhão, no período de 2012 a 2014, onde pesquisei sobre os benefícios do uso da redinha como recurso terapêutico na Unidade de Terapia Intensiva Neonatal.

A Residência abriu meus olhos e posso dizer que foi um marco divisor na minha vida. Entrei uma pessoa e saí outra completamente diferente e bem mais humana graças às influências que tive e às pessoas que conheci, profissionais e pacientes, mães, pais, famílias e bebês. Descobri que a família vai muito além do núcleo familiar e que o bebê e a família chegam a ser um só; então, se torna impossível tratar uma criança sem pensar em todo o seu contexto social e a comunidade da qual ela faz parte.

Dentre tantas crianças que passaram por mim enquanto residente, alguns casos me trouxeram perturbação e preocupação, e, como minha preceptora e amiga me dizia, se te causa inquietação é porque ainda existe algo a ser investigado e tratado. Um deles, e o principal responsável por me trazer até o mestrado em saúde e ambiente foi quando me deparei com uma criança indígena com Síndrome de Down no ano de 2013. Recebi a criança e sua mãe no ambulatório de seguimento neonatal do Hospital Universitário Materno Infantil apenas para avaliação e orientação sobre o desenvolvimento infantil; estavam acompanhadas de uma funcionária da Fundação Nacional do Índio – FUNAI já que a mãe não falava português. Busquei minha preceptora para saber como eu orientaria aquela mãe sobre a estimulação do desenvolvimento daquele bebê e ela me respondeu o seguinte: “Não orienta. Avalia e registra no prontuário, mas não precisa orientar. A tua cultura é tão diferente da dela que se tu orientares, pode causar muito mais danos do que benefícios ao bebê, e te garanto que, se ela criar o bebê igual faz com todos os outros, ele não vai ter nenhum prejuízo no desenvolvimento”. Eu tive certeza de que o que ela me dizia era totalmente verdade, mas fiquei me questionando sobre tantas culturas existentes no Maranhão em comunidades tradicionais e em como não as conhecemos e não estamos preparados para lidar com essas pessoas da forma que merecem ser tratadas.

Durante a Residência, descobri também minha vocação para a docência, pois, ao orientar e estimular o conhecimento de residentes vindos depois de mim e ministrar tantos cursos do Método Canguru, percebi o quanto aquilo me enchia de alegria e satisfação. Começou então minha busca pelo mestrado. Não perdia um edital da Universidade Federal do Maranhão e de outras instituições em outros Estados. Com alguns eu me identifiquei, com outros nem tanto. Foi então que tive acesso ao edital do Programa de Pós-Graduação em Saúde e Ambiente e conheci as pesquisas do professor Istvan. Vi a minha oportunidade de conhecer mais de perto os costumes das comunidades tradicionais maranhenses e propus ao professor Istvan, que se tornaria meu orientador, a pesquisa sobre o brincar quilombola. Quilombola e não indígena, pois enquanto me sentia mais próxima da população remanescente de quilombo, percebi não saber nada a respeito.

Minha ideia inicial era conhecer várias comunidades quilombolas para a pesquisa, não imaginava o mundo de saberes que existem em apenas um local, imagine em vários. O professor Istvan me orientou a fazer a pesquisa em uma comunidade apenas e me indicou duas com as quais ele já desenvolvia trabalhos. Uma delas era Jamary dos Pretos e a outra localizada no município de Rosário. Fui inserida na pesquisa desenvolvida pelo Núcleo de Extensão e pesquisa com populações e comunidades Rurais, Negras Quilombolas e Indígenas, (NURUNI) que tratava da hipertensão na população negra.

Esse projeto de extensão tem como objetivo alertar autoridades e operadores do Sistema Único de Saúde, bem como militantes de movimentos sociais, sobre a importância e a gravidade no controle da hipertensão arterial entre negros e os desafios para a efetiva implementação e operacionalização da Política Nacional de Saúde Integral da População Negra no Estado do Maranhão. Iniciado em 2010, o projeto sobre hipertensão é coordenado pelo professor doutor Istvan van Deursen Varga em parceria com o enfermeiro Raimundo Luís Silva Cardoso e o pedagogo Antônio Henrique França Costa, e conta com o apoio de alunos de graduação do curso de enfermagem da Universidade Federal do Maranhão e alunos de Pós-Graduação em Saúde e Ambiente, também da Universidade Federal do Maranhão.

A partir do projeto hipertensão na população negra vários desdobramentos ocorreram, como parcerias desenvolvidas com a esfera municipal de saúde, medicações adequadas para controle de hipertensão nas comunidades estudadas, conscientização de universidades e alunos de graduação em saúde sobre a temática e maior envolvimento da população nas buscas pelos seus direitos à saúde. Claro que tudo isso, ainda engatinha, diante da proporção do problema, mas não se pode negar a efetividade do projeto e os benefícios já levados às comunidades

envolvidas. Assim, conheci Jamary dos Pretos. Desnecessário dizer que só precisei ir a Jamary uma vez para ter certeza que era aquele o local da minha pesquisa.

Em minha primeira visita a Jamary, éramos apenas eu e o professor Istvan, que fora para reestabelecer o contato e retomar o projeto de hipertensão. Lá, conheci a Nora, uma grande representante da comunidade quilombola que se põe à frente de cada luta e batalha pelos direitos da população de Jamary dos Pretos, mas que prefere não aparecer oficialmente como representante.

Nora é professora da Educação Básica de Jamary dos Pretos, mas atua muito além da atenção básica. Ela forma grupos de estudos com alunos do Ensino Médio para prepará-los para o Exame Nacional do Ensino Médio – ENEM, pensa e organiza oficinas pedagógicas tanto para a comunidade em que vive quanto para as demais nos arredores, além de outras atividades em prol dos alunos e da comunidade. Suas lutas não se restringem à educação, mas ela busca também por saúde, consultas médicas, medicações e tudo o mais que a comunidade, porventura, precise. Nora é a cara de Jamary dos Pretos.

Foi ela quem nos recebeu e hospedou e naquela primeira noite de conversa eu soube que era em Jamary que deveria realizar minha pesquisa. Não sei dizer se é a Nora ou a própria comunidade que faz isso, mas estar em Jamary dos Pretos desperta uma satisfação e um sentimento de carinho gigantesco que faz com que, visitantes como eu, se sintam parte da comunidade e queiram entrar nessa luta e conquistar melhorias e qualidade de vida para aquele povo.

Visitas se sucederam e em cada uma delas eu tive a oportunidade de ficar hospedada em casas diferentes e conhecer e conviver com pessoas diferentes; cada casa era uma nova experiência e guerreiros diferentes; as histórias de lutas desde a formação do quilombo são contadas pelos próprios moradores. Nestas experiências vividas e ouvidas percebi que as mulheres são as principais protagonistas dessas batalhas sociais.

Outra pessoa especial que colaborou com meu sentimento de pertencimento a Jamary dos Pretos foi dona Mundiquinha, como é conhecida por todos. Uma senhora com seus setenta e poucos anos que nos recebia com muita alegria e contava inúmeros casos sobre política, saúde e educação em Jamary, além de tantas brigas compradas e incentivadas pelas mulheres daquela e de outras comunidades para garantir seus direitos.

Era principalmente nesses momentos de conversas no fim do dia que eu mais conhecia Jamary e sentia a ideia da minha pesquisa crescer. Conheci crianças, netas de dona Mundiquinha, que me falavam sobre suas brincadeiras, seus brinquedos e me convidavam para brincar, ensinando o passo a passo das brincadeiras propostas. Fiz minhas primeiras perguntas,

guiadas pela curiosidade apenas, sobre as brincadeiras. A maioria das brincadeiras eu conhecia, mas o que me chamou a atenção era que ali tinham nomes diferentes.

Enquanto as palestras e as consultas do projeto de hipertensão aconteciam de dia as crianças brincavam ao redor da igreja e da escola (onde nos encontrávamos) de correr e em duplas ou pequenos grupos. Foi então que comecei a me afastar das palestras e me aproximar das crianças, apenas como observadora. Não durava muito o momento de observação apenas, porque logo elas se aproximavam, me chamavam de tia e me convidavam para brincar, já ensinando a brincadeira. Não tive muita escolha a não ser entrar no mundo delas.

Ao fim do dia comecei a escrever uma espécie de diário sobre o que via, ouvia e experienciava a cada dia, e ao fim da viagem, junto com a minha coorientadora, professora Dulce, escrevi o roteiro de pesquisa.

Hoje, revisitando o percurso vivido, posso dizer que, ao mesmo tempo em que a ideia da pesquisa já existia em minha mente desde que procurei o professor Istvan, ela se afirmava naturalmente cada vez que as crianças brincavam e me incluíam nas brincadeiras sem nem saber das minhas questões em torno do brincar e da infância e da minha intenção como pesquisadora. Ouso dizer que essa pesquisa aconteceria mesmo que não tivesse nascido em minha vida anos antes, pois as crianças a plantariam assim que eu chegasse por lá.

Durante as vivências em Jamary dos Pretos trabalhamos na sistematização do projeto de pesquisa que foi submetido à Plataforma Brasil para avaliação e parecer do Comitê de Ética. O parecer para realizar a pesquisa “Como brincam as crianças da comunidade quilombola de Jamary dos Pretos, em Turiaçu – MA” no nível de mestrado junto ao Programa de Pós-Graduação em Saúde e Ambiente – UFMA foi favorável, conforme Anexo A. Após a aprovação do Comitê de Ética, as viagens a Jamary ganharam uma nova configuração, passaram a ser para pesquisar o brincar, e não mais para acompanhar o projeto de hipertensão. Conversei com as crianças sobre a ideia da pesquisa e elas se animaram instantaneamente com a proposta.

Várias pessoas se envolveram em minha pesquisa, como familiares que me acompanharam nas viagens (meu pai e minha mãe se revezaram para que eu não fizesse todo o percurso sozinha); crianças da comunidade que me levavam na casa das outras e faziam, junto comigo, relação de crianças nas idades estipuladas para pesquisa; Nora, que também organizava a lista por idade e me acompanhava pela comunidade; e pais de crianças, que permitiram que seus filhos participassem e demonstraram empolgação em ouvir as entrevistas e muitas vezes tinham suas próprias observações sobre o brincar de seus filhos.

Viajei para Jamary dos Pretos seis vezes durante a coleta de dados. Não existia uma periodicidade estabelecida já que minhas idas dependiam do cronograma da comunidade, do

meu trabalho e do mestrado. A frequência variava em um a três meses. Dependia ainda do período de chuva; durante as fortes chuvas que vão de janeiro a julho, o acesso se tornava difícil, então as idas se tornavam menos frequentes, demorando até três meses de uma visita à outra. No período de seca, o intervalo era apenas de um mês.

Minha permanência em Jamary variava de dois a quatro dias seguidos e em seguida retornava a minha cidade de origem, porém, mantendo contato com a Nora e outros representantes da comunidade. Após minha segunda ida a Jamary, passei a ser conhecida dos moradores e, quando me aproximava da comunidade, já era reconhecida e cumprimentada de longe. Quem me via já me indicava onde Nora tinha sido vista e sugeriam onde eu me hospedaria daquela vez.

As idas a Jamary não se findaram após a coleta de dados aqui relatadas; elas continuarão acontecendo para que a população tenha acesso ao material gerado nas pesquisas, aos resultados e a uma exposição fotográfica que será realizada em Jamary com as imagens coletadas durante o mestrado. Durante o percurso da pesquisa nasceu o projeto de organização de um livro com as “brincadeiras de Jamary dos Pretos”, em fase de edição. Nessas viagens de retorno, pretendemos fazer uma devolutiva da pesquisa com a distribuição do livros para todas as crianças participantes da pesquisa, representantes da comunidade, para que utilizem na escola com as crianças ou para vender a outros pesquisadores que porventura cheguem em Jamary dos Pretos e assim gerar alguma renda para a associação de moradores. A publicação e distribuição do livro são formas de agradecimento e contribuição social com o povo que tão bem me recebeu.

Posso dizer que os moradores de Jamary dos Pretos mudaram minha vida e me fizeram bem, muito mais do que eu possa ter feito a eles. Essa pesquisa foi além de descobrir como brincam as crianças de Jamary dos Pretos; alcançou como vivem os moradores de Jamary, suas dificuldades, lutas, vitórias e como é possível viver tão bem com simplicidade e companheirismo.

Esta pesquisa foi importante para registro e memória da cultura quilombola de Jamary dos Pretos, pois guardará brinquedos e brincadeiras que compõem o cotidiano das crianças de Jamary e os levará às futuras gerações. Com o crescimento do capitalismo e consumo, além da influência das mídias digitais, brinquedos feitos de recursos naturais, brincadeiras ao ar livre e a relação entre crianças, ambiente e animais, estão cada vez mais escassos e tendem a desaparecer. Jamary não está livre disso, porém, através deste trabalho e dos registros deixados, essas memórias e quem sabe, o cultivo desse fazer, perdurem através do tempo.

3. REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 A Criança e o brincar

Nos dias atuais as crianças são vistas em diversas posições na sociedade e as questões que envolvem a infância têm ganhado destaque em notícias de revistas e jornais. O zelo pela criança, o cuidado com sua vida e seus direitos têm sido alvos de grandes discussões no Brasil, porém, nem sempre foi assim. A visão e significado de “criança” tem se modificado ao longo da história e as preocupações que envolvem esse período da vida tem chamado cada vez mais a atenção da população brasileira.

Até o século XII, as crianças eram vistas como miniaturas de adultos, sendo diferenciadas apenas pela estatura. Não se pensava nas peculiaridades de ser criança, assim, a partir do momento que a criança atingia independência física, era inserida no trabalho familiar, plantação, caça, pesca e afazeres domésticos. A educação era pensada apenas para ensiná-la a desenvolver atividades de produção, sem diferencia-lá dos adultos (HENICK e FARIA, 2015).

Philippe Aries, em 1978 (Apud BARBOSA, 2008), afirma que as crianças eram consideradas, nesse período, como seres inferiores e tinham a infância reduzida. A partir do momento em que alcançavam a independência física eram inseridas no mundo adulto, tendo seu aprendizado garantido através da realização de tarefas junto com os adultos.

No fim do século XVI e durante o século XVII alguns costumes começaram a mudar. A etiqueta e o comportamento passaram a ser valorizados pela sociedade, gerando uma demanda de crianças para as escolas (até então as escolas só eram frequentadas por jovens e adultos). O modo de se vestir e a preocupação com a educação passaram a ganhar novos valores, resultando também na separação das crianças de classes sociais diferentes (BARBOSA, 2008).

Foi só a partir do século XVIII, por intervenção da Igreja Católica, que a criança passou a ganhar um significado sagrado na sociedade. Matar crianças virou sinônimo de bruxaria e fatos religiosos como o “culto ao menino Jesus” e o “massacre dos inocentes” praticado por Herodes ganharam propagação e deram esse significado sagrado à figura infantil. Junto com o significado de criança passou-se a valorizar o significado de família, sendo a criança o marco na família e devendo ser amada e educada, sendo dever do adulto, reconhecer, primar e defender a criança (NIEHUES e COSTA, 2012).

Aceita pela sociedade, então, a criança passa a ser sinônimo de diversão, merecendo atenção e cuidado, gerando as primeiras propostas de educação, que se iniciaram com foco no cuidado e progrediram para uma formação moral que tornaria cada criança um adulto honrado e racional (RODRIGUES, 2009).

No Brasil, existiam dois principais tipos de crianças: as crianças brancas, da nobreza residentes no país, e as crianças negras e indígenas, filhas de escravos da época. A infância das crianças brancas era marcada por cuidados das amas de leite e escravas domésticas, e a educação moral, que os tornariam adultos contribuintes com a sociedade. Já as crianças escravas, muitas vezes, eram entregues em casas de caridade, para que suas mães pudessem amamentar os filhos de seus senhores, ou eram simplesmente assassinadas. Quando seus destinos eram diferentes disso, tinham suas vidas marcadas a partir da idade de seis anos. Daí em diante, passavam a trabalhar ao lado de suas mães desempenhando pequenas tarefas e afazeres domésticos; aos 12 anos eram vistos como adultos em termos de trabalho e sexualidade, tendo uma infância reduzida aos seus primeiros anos de vida (RODRIGUES, 2009).

- Brincar e desenvolvimento infantil

Em uma pesquisa que se tem crianças como população estudada é de suma importância pensar em duas grandes questões que permeiam a infância: o brincar e o desenvolver-se. Essas duas questões estão intimamente ligadas, pois é na infância que o maior potencial de desenvolvimento acontece e onde as maiores habilidades são adquiridas em um curto espaço de tempo; esse ganho se dá enquanto a criança brinca.

Na sociedade ocidental, pouco valor tem sido dado para o brincar. Atividade característica da infância, costuma ser associada a oposição de trabalho, uma atividade paralela ao aprendizado. Por outro lado, estudiosos da Psicologia e Educação, estão despertando para um outro olhar que valoriza o brincar. Passando a ser entendido como uma dimensão cultural do processo de constituição do conhecimento e da formação humana, o brincar tem ganhado destaque em estudos de Psicologia e Pedagogia como um importante processo psicológico, fonte de desenvolvimento e aprendizagem (BEAUCHAMP, PAGEL e NASCIMENTO, 2007).

O processo de desenvolvimento é único em cada criança, iniciando-se na concepção e seguindo por toda a vida de forma contínua, dinâmica e progressiva. É um processo ativo da própria criança em que as habilidades são adquiridas, e depende da relação com o outro e com o meio; sendo, ainda, uma forma de a criança se incorporar à sociedade. Pode ser dividido em quatro grandes áreas (SOUZA e VERISSIMO, 2015):

1. Desenvolvimento motor – aquisição de movimentos como: andar, correr, pular, equilíbrio e coordenação.
2. Desenvolvimento cognitivo – capacidades de raciocínio e inteligência.
3. Desenvolvimento de linguagem – capacidade de utilizar a linguagem para comunicação.

4. Desenvolvimento psicossocial – capacidade de interação social.

Esses aspectos dependem de uma experiência. Para que o desenvolvimento motor, cognitivo, de linguagem e psicossocial aconteçam a criança precisa da oportunidade para vivenciar situações que exijam essas habilidades e seu cérebro e corpo se adaptem para responder àquela demanda. Uma resposta a isso é o brincar.

O brincar, em uma definição simples da língua portuguesa, significa “divertir-se”; “entreter-se” (Dicionário Aurélio, 2017); já definido cientificamente, “brincar é fonte de desenvolvimento e de aprendizagem, constituindo uma atividade que impulsiona o desenvolvimento” (VIGOTSKY, 1998).

Para Winnicott, (1968, Apud FULGENCIO, 2008) brincar constitui um aspecto universal da natureza humana, facilita o crescimento e, como consequência, a saúde; favorece relacionamentos interpessoais e em grupos; é uma forma de comunicação e, por fim, ainda conclui que pessoas profundamente doentes, que podem não conquistar a capacidade de brincar, necessitam de tratamento, tamanha a importância do brincar.

O ato de brincar tem funções de prazer, descoberta, domínio, criatividade e expressão de si, proporcionando à criança a vivência de situações que as preparam para o desenvolver e viver adulto (FERLAND, 2007).

O prazer é a mola propulsora do brincar. Naturalmente a criança busca o fazer lúdico. Por sentir prazer é capaz de se manter na brincadeira por horas sem se cansar. A novidade na atividade, a incerteza do resultado dela e o desafio de vencer os próprios limites a capacitam para continuar e dar seu máximo em esforço e se alegrar com isso. Dessa forma, a criança descobre a si mesma, conhecendo sua força e capacidade; descobre também o mundo à sua volta, de que forma o seu ambiente age e como agir sobre ele; como utilizar os objetos a seu favor ou mesmo criar novos objetos; e suas estratégias de ação e adaptação vão sendo exploradas. A brincadeira é criada e dominada pela criança e ela decide que comportamento seguir usando de sua criatividade. Ser criativo implica em saber resolver um problema de maneira original e ao fazê-lo, sentimentos são comunicados, sejam positivos ou negativos, permitindo a expressão de si (FERLAND, 2007).

Winnicott (1975) dá foco a isso quando diz que é somente brincando que o indivíduo, seja criança ou adulto, é capaz de ser criativo e usar completamente sua personalidade. “O brincar é importante para o desenvolvimento saudável do corpo e do cérebro. Ele permite que as crianças envolvam-se com o mundo à volta delas, usem sua imaginação, descubram formas flexíveis de usar objetos e solucionar problemas e preparem-se para papéis futuros” (PAPALIA E FELDMAN, 2013).

Tabela 1. As funções do brincar e seus efeitos sobre a criança.

As funções do brincar	Seus efeitos sobre a criança
Prazer	Motivação para fazer
Descoberta	Estratégia de ação; Capacidade de adaptação
Domínio	Iniciativa; Autoestima
Criatividade	Solução de problema; Humor
Expressão	Comunicação dos sentimentos

Fonte: Ferland, 2007.

- Brincar e o desenvolvimento motor

Durante uma brincadeira, a criança é capaz de passar horas correndo, vencendo desafios físicos, como subir e descer, transpor obstáculos e realizar movimentos ágeis, sem se dar conta das habilidades necessárias para isso. Ela se desafia e arrisca movimentos novos pelo prazer de brincar, proporcionando ao seu corpo o aprendizado motor.

Crianças em idade escolar nas primeiras séries tendem a se envolver em “brincadeiras impetuosas” envolvendo lutas, chutes, quedas e perseguições acompanhadas de gritos e risos; essas brincadeiras têm benefícios importantes de adaptação, pois favorecem o desenvolvimento esquelético e muscular, canalizando a agressividade e competitividade. Além disso, benefícios como controle de peso, menor pressão sanguínea, funcionamento cardiovascular e autoestima são, também, um reflexo dessa ação (PAPALIA E FELDMAN, 2013).

Uma atividade que naturalmente acontece na infância permite que a criança se descubra e descubra o ambiente em que vive, dando a ela a possibilidade de conquistar suas habilidades e enriquecer suas respostas aos estímulos do mundo.

- Brincar e desenvolvimento psicossocial

Em uma brincadeira de grupo as crianças assumem papéis e imaginam um contexto para que possam atuar, seja em uma brincadeira de correr, sentadas ou utilizando jogos, a necessidade de se relacionar é natural. A atividade lúdica direciona o desenvolvimento encorajando as crianças a tomarem consciência dos conhecimentos sociais desenvolvidos durante o jogo, contribuindo em uma compreensão positiva da sociedade e aquisição de habilidades sociais (BLAZOTTO, 2014).

A criança inicia a interação com os colegas e aprende a conhecer o outro; nas brincadeiras, ela descobre que cada criança pensa de um jeito, tem gostos e preferências diferentes e desenvolve a capacidade de compreender e se adaptar ao ser do outro (SANTOS, 2016).

A forma de brincar com o outro determina rejeição ou aceitação social e as amizades que servirão de base para o desenvolvimento de aspectos sociocognitivo. Brincando as crianças adquirem competências interativas e conhecimento social, pois para se envolver em brincadeiras com outras crianças, são necessárias habilidades e competências adquiridas pela experiência (FIGUEIREDO, *et al* 2015).

O brincar interativo é compreendido como um “contexto de consequências imediatas para a competência social das crianças”; simultaneamente é um reflexo de competências sociais e facilitador de aptidões favorecendo relações mais proveitosas com seus pares. Assim, existe uma correlação entre a qualidade da brincadeira e a qualidade das relações (FIGUEIREDO, *et al* 2015).

- Brincar e desenvolvimento cognitivo

Enquanto a atividade lúdica se desenvolve, o aprendizado acontece, pois favorece a convivência em uma ordem social e um mundo simbólico. A criança cria brincadeiras, ampliando seu conhecimento e estimulando seu imaginário em suas fantasias. Esse aprendizado acontece, ainda, de forma única para cada criança, de acordo com o seu nível de desenvolvimento e seu tempo (SANTOS, 2016).

Capacidades cognitivas como atenção, imitação, memória e imaginação surgem a partir do brincar. Quando uma criança brinca de faz de conta, reproduz a realidade em que vive, reinventando personagens (SANTOS, 2016).

O desenvolvimento de aspectos de memória, raciocínio lógico, atenção e concentração podem ser percebidos em jogos de tabuleiro ou atividades competitivas como esconde-esconde ou pegador. Para que a criança vença a brincadeira, ela precisa estar atenta e concentrada a cada movimento ou barulho fora do normal no cenário do brincar. Ela aguça seus sentidos e se concentra nas imagens que tem na memória para encontrar os colegas. Tudo isso acontece enquanto a criança se diverte e corre, de forma que todo o seu potencial é evocado sem que ela se dê conta do desenvolvimento de suas habilidades.

- Brincar e desenvolvimento de linguagem

Antes de iniciar um diálogo sobre o desenvolvimento da linguagem por meio do brincar é importante ressaltar que existem dois tipos de linguagem: linguagem expressiva e linguagem receptiva. A linguagem expressiva se refere à ação de comunicação; o tipo de linguagem utilizado pela criança para se fazer entendida pelo outro. A linguagem receptiva é a compreensão; a forma como a criança compreende o que é comunicado a ela (SOUZA e VERISSIMO, 2015).

A brincadeira de faz de conta é uma das mais citadas quando se fala em desenvolvimento de linguagem, pois nessa prática as crianças assumem diferentes papéis e se sentem desafiadas à comunicação. A utilização de gestos enquanto brinca é constante, além da manipulação de objetos e linguagem oral na relação com seus pares (WAJSKOP, 2017).

Vendruscolo e Souza (2015), afirma que o brincar, por si só, insere a criança no universo da língua, dando sentido e interpretação à brincadeira.

- Brincar e realidade social

O primeiro contato social da criança é com a mãe, quando ela brinca reconhecendo o rosto da mãe e interagindo com suas emoções expressas na fala e nas mudanças faciais. A construção do “eu” do bebê se inicia nessa primeira relação social de forma natural e lúdica (VEDRUSCOLO e SOUZA, 2015).

Para Vygotsky (1984), a criança não nasce pronta para desempenhar papéis sociais, elas se desenvolvem com base nas experiências vividas, e, para a criança, a experiência acontece na brincadeira. Quanto mais a criança brinca, imagina e insere elementos em seus jogos, mais diversas serão as relações e situações experimentadas, atuando em seu desenvolvimento psicossocial.

No desenvolvimento de uma brincadeira em situação imaginária, por exemplo, a criança agrega elementos da realidade social em que está inserida (SA, 2015) e reproduz ações, cenários e costumes de sua sociedade. A brincadeira de casinha é um clássico exemplo dessa reprodução, quando a criança constrói o cenário semelhante ao do seu cotidiano e imita ações e diálogos vivenciados em sua própria casa.

Claro que toda essa divisão aqui proposta se deu didaticamente, pois o desenvolvimento acontece de forma natural enquanto se brinca, e tanto psicossocial, quando cognitivo, motor e de linguagem, se dão simultaneamente em uma mesma brincadeira. O brincar em grupo, manipulação de objetos, imaginação e criatividade propõem a criança exercitar e, conseqüentemente, desenvolver todas as habilidades inerentes ao desenvolvimento infantil saudável.

- O brinquedo e o brincar

No século XI, era comum a confecção de objetos em miniaturas para enfeitar estantes ou deixar de lembrança em túmulos de entes queridos como amuleto. Miniaturas humanas também eram produzidas, em especial para fins religiosos, mas que despertavam o interesse das crianças. Ao manusear esses objetos, foi-se descobrindo o brinquedo e como consequência, o brincar. Os adultos perceberam, então, uma nova função para os objetos decorativos, e aos

poucos esses objetos começaram a ser fabricados com o intuito de brincar (RODRIGUES, 2009).

Produzidos por artesãos, entalhadores de madeira, produtores de velas, entre outros, esses objetos tinham como função o culto doméstico ou funerário e ex-votos de devotos e de peregrinos; porém, nas mãos de uma criança passavam a ser objeto de criação e encenação enquanto se brincava (RODRIGUES, 2009).

Mesomo Lira (2009) faz uma retrospectiva ainda maior do uso do objeto nas brincadeiras e ressalta que, desde as primeiras civilizações, as crianças utilizam objetos produzidos para finalidades diversas e os reinventam, criando o seu brincar. Os primeiros brinquedos foram reconhecidos como os movimentos do próprio corpo e de pessoas ao seu redor, progredindo para elementos da natureza, como folhas, pedras e terra; costumes sociais, como danças e a modificação de objetos pelas próprias crianças, para construções dos seus brinquedos.

Aqui percebe-se que o brincar e o brinquedo se confundem em definições; enquanto o brinquedo é o objeto utilizado - abrange desde o próprio corpo, o corpo do outro, até objetos e elementos encontrados nos espaços comuns da sociedade - o brincar é a ação, o que se faz com esses objetos. Brincar é o agir sobre o objeto, envolvendo a manipulação, transformação, imaginação e encenação de atividades observadas.

Os brinquedos são um reflexo do espaço cultural em que a criança se insere, já que são objetos de cada população que passam a ser manipulados por crianças e servem de base para a construção da brincadeira. Porém, a cada dia se vê um maior investimento do comércio sobre esses objetos e maior construções de brinquedos industrializados e plastificados. Percebe-se ainda uma maior preocupação com a saúde infantil, privando-as do contato com terra, grama, folhas e elementos naturais; tudo isso serve como um fator limitante à experiência da criança, já que as brincadeiras vêm cada vez mais prontas e bem menos as crianças precisam imaginar para brincar (MESOMO LIRA, 2009).

- Brincar como um direito

Diante desse conhecimento, é válido pensar que se o brincar proporciona benefícios como o desenvolvimento em sua totalidade, e desenvolver-se é ser saudável, é, ainda, direito de todas as crianças e dever do Estado promover condições para que a saúde aconteça.

Fazendo uma retrospectiva histórica é possível perceber que a preocupação com a saúde da criança, e dessa forma ligada à prática do brincar na infância, tem sido considerada relevante em diversos países; e para garantir que o ato de brincar é da criança por direito, foi incluído em

ordenamentos jurídicos desde 1948 através da Declaração Universal de Direitos Humanos, (Art. 24) “todo ser humano tem direito ao repouso e lazer”.

Mais adiante, em 1959, a Declaração Universal dos Direitos da Criança mais diretamente, (Princípios IV e VII) afirma que “a criança terá direito a desfrutar de alimentação, moradia, lazer e serviços médicos adequados” e “deve desfrutar plenamente de jogos e brincadeiras” que devem ser promovidos pela sociedade e autoridades públicas. Em nível nacional, o Estatuto da Criança e do Adolescente (1990) estabelece o direito a “brincar, praticar esportes e divertir-se”.

A legislação existe para que o lazer e a diversão enquanto se brinca não sejam ignorados pelo adulto ou pela sociedade, privando um indivíduo de ser criança e ser saudável.

- A criança e o brincar no Maranhão

O projeto Território do Brincar (MEIRELES, 2015), desenvolvido como uma proposta de diálogo entre escolas de todo o Brasil ressaltando a importância do brincar infantil, fez sua passagem pelo Maranhão, conheceu crianças de comunidades próximas ao mar e rios, e iniciou sua fala ressaltando os costumes tradicionais populares.

Por tradicionais se entende que estão enraizados na história e costumes do povo maranhense, tanto que não se sabe ao certo de quando e como começou, se sabe apenas que se reflete em tudo quanto praticado no Estado. O antigo e o novo se ligam ao tratar da tradição maranhense. Uma festa tradicional, mesmo que repetida anualmente, nunca é igual à outra; novos elementos são inseridos, a maneira como ela se apresenta sofre modificações e as expressões e pessoas envolvidas se modificam, tornando assim, cada expressão popular tradicional como única e inédita. Assim, as festas, brincadeiras e jogos se tornam cheios de significados.

A autora repara na criança maranhense e a descreve como “crianças de navegação” pelo seu contato com a fauna e flora, artesanato, quebradeiras de coco, mar, rios, alagados e casas de farinha. Como uma criança de fala mansa e cantada, no Maranhão, o que se refere aos pequenos é tratado no diminutivo em palavras como: “pequeninho”, carro “carregadinho”, um rio “cheinho” e um tudo que vira “tudinho”. Resposta a esse achado é a descendência diversa maranhense, composta por um povo preto e aquilombado, de mães escravas, tanto de filhos cativos quanto de filhos dos brancos.

Uma terra cheia de lendas, preserva costumes de danças e crenças misturadas que de tão enraizadas se refletem desde a capital até a comunidade quilombola mais afastada, onde as danças com grandes saias coloridas e festejos tradicionais são brincadeiras que ligam adultos e crianças.

As crianças maranhenses crescem ouvindo e dançando tambor de crioula, tambor de mina, bumba-meu-boi, dentre outras danças tradicionais, e essas manifestações fazem parte de seus brincares. Arrumam suas próprias roupas e, seja no quintal de casa no momento de descontração, seja na escola sob orientação de um professor, as crianças brincam de dançar.

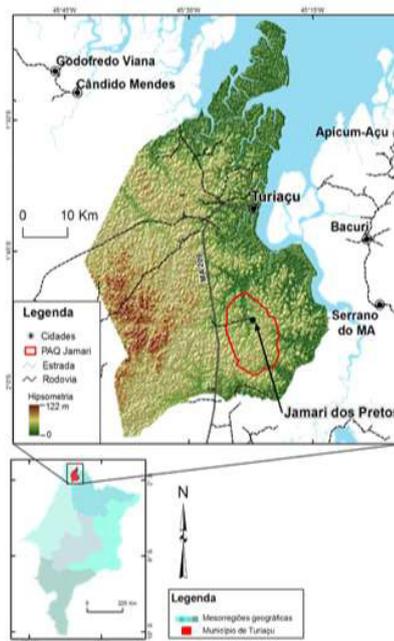
Outro achado foi a brincadeira de embarcação, desde a construção de barquinhos envolvendo recursos diversos e proporções simétricas que permitem a navegação dessas miniaturas até o ato de um navegar imaginário. A autora se impressiona e descreve como, em tantos lugares por onde passou no Maranhão, as crianças têm o costume de construir os próprios brinquedos e fazer isto de forma tão elaborada e caprichada que os objetos, apesar de pequenos, desempenham funções semelhantes a de uma embarcação.

Abreu, Soares e Silva, et al (2011), com o interesse em resgatar brincadeiras tradicionais maranhenses encontrou brincadeiras como “esconde-esconde”, “pega-pega”, “pular corda”, “amarelinha”, “queimado” e “brincadeiras de roda”; essa última sendo colocada como especial. Os brinquedos “feitos” pelos próprios brincantes também foi um achado assim como em “O território do Brincar”.

Os costumes maranhenses demonstram grande influência nas brincadeiras infantis. O fazer o próprio brinquedo e as representações de danças e tradição no brincar refletem a história de um povo e suas crianças que têm seu desenvolvimento acontecendo em meio a um colorido social.

3.2 Conhecendo Jamary dos Pretos

MAPA 1. LOCALIZAÇÃO DO QUILOMBO.



FONTE: IBGE.

Para adentrar na ótica da pesquisa é necessário conhecer o território estudado e se inserir no contexto da população quilombola, então inicia-se aqui, a jornada, saindo da cidade de São Luís, capital do Maranhão, até chegar à Comunidade de Jamary dos Pretos, pertencente ao município de Turiaçu; conhecendo sua história, seus habitantes e seus costumes e, aos poucos, integrando o ambiente e a sociedade de Jamary, não como morador, mas também, não mais como um estranho.

Para chegar à comunidade quilombola de Jamary dos Pretos, saindo da capital do Estado, é necessário atravessar via marítima a Baía de São Marcos, do terminal do Ponta da Espera em direção ao Porto do Cujupe, na cidade de Alcântara – MA. A travessia compreende cerca de 20 km e segue aproximadamente 200 km via MA 106, em direção à cidade de Turiaçu. A paisagem se modifica desde a saída de São Luís até o destino; sítios antes predominados por construções civis, prédios e intensa atividade urbana, dão espaço a campos de palmeiras e babaçus, plantações e roçados, e em grandes trechos percebe-se a presença de alagados e criação de gado e outros animais. Casas simples predominam na paisagem por toda a viagem, espaçadas entre si e rodeadas por cercas de arames, varais nas frentes das casas e animais criados soltos, transitando entre uma casa e outra, e por vezes até pela própria rodovia.

Já em território turiaçuense a parada obrigatória é o povoado de Santa Rosa, onde se encontra a entrada para Jamary dos Pretos. Casas de alvenaria simples na beira da estrada, uma escola e um comércio marcam o povoado; concentram-se ali mototaxistas que fazem o traslado até a comunidade. Entre a vegetação baixa de campo percebe-se uma discreta estrada de piçarra terra adentro, por onde se deve seguir. Cerca de 8 km depois, algumas pontes antigas de madeira e pequenos igarapés ao longo do caminho, encontram-se as primeiras casas que sinalizam a chegada a Jamary. O acesso não é fácil, devido à grande variação do terreno e pouca sinalização na estrada. Durante o período chuvoso, chegar à comunidade se torna ainda mais difícil; a passagem de carros se torna restrita e o acesso é feito exclusivamente de moto, carros de tração ou a cavalo, não sendo aconselhado visitas, conforme os próprios moradores do quilombo.

A comunidade quilombola Jamary dos Pretos se localiza na Baixada Maranhense e pertence ao município de Turiaçu, na microrregião do Gurupi, próximo da divisa do Maranhão com o Pará. Tem área de 14.676 hectares, sendo 6.613 destes titulados pelo Instituto de Terras do Maranhão. Teve assegurada a posse de terras em 1997, por um decreto do governo estadual, tendo por base o artigo 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias, que diz: “Aos remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos”. Apesar da ocupação do território render mais de cem anos foi só a partir dessa data que a terra foi titulada

e seus moradores tiveram sua posse e seus direitos de remanescentes de quilombo reconhecidos. Antes disso, a comunidade quilombola de Jamary dos Pretos tem um longo histórico de lutas e perseguições (SILVA, 2015).

Oficialmente, a citação de Jamary mais antiga data de 1841, sendo um “auto de apreensão de escravos fugidos”. Surgido como um “lugar velho de pretos livres” ou “terras de pretos livres”, o território de Jamary dos Pretos serviu de lar para ex-escravos que escapavam da vida de humilhação e maus-tratos e reinventavam suas vidas cultivando a terra e se relacionando harmoniosamente com o ambiente, segundo suas próprias determinações. Caçavam, pescavam, plantavam, criavam animais e comercializavam suas produções com pequenos comerciantes das redondezas que abasteciam as vilas próximas. Os primeiros moradores de Jamary buscavam manter a segurança do quilombo, e era de comum acordo com os comerciantes próximos que a localização precisa era guardada; os descendentes contam que o que se via e ouvia na mata durante as negociações permaneciam na mata. Devido a esse relacionamento comercial era de interesse dos próprios negociantes que a localização do quilombo continuasse em segredo, tornando possível o conhecimento das investidas negativas do governo da província antes que acontecessem e que os quilombolas pudessem se prevenir, fortalecendo o vínculo do quilombo com as terras e garantindo sua existência até os dias de hoje (SILVA, 2015).

Figura 1. Comunidade de Jamary dos Pretos

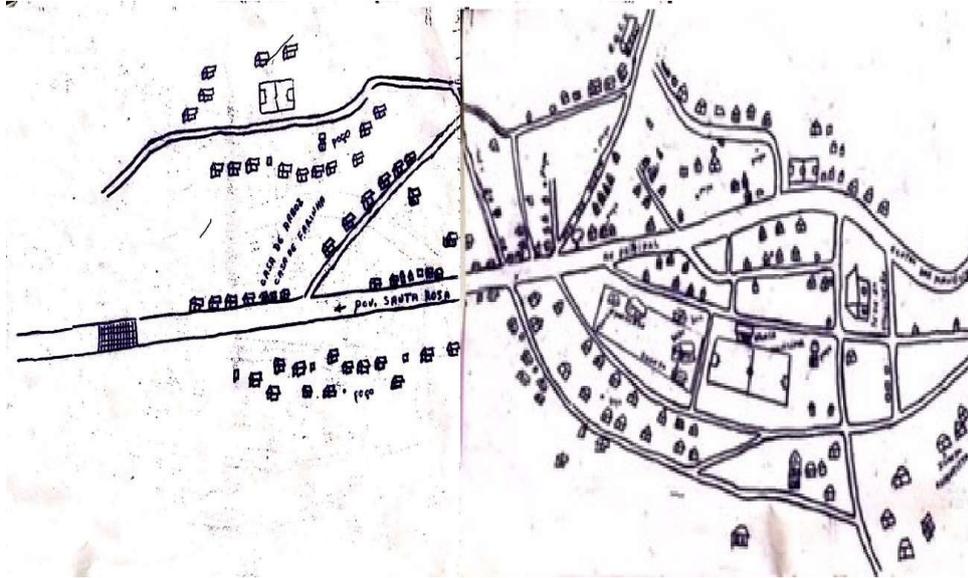


Fonte: GOMES, 2017. Arquivo pessoal

O nome da comunidade tem origem na grande concentração da palmeira “Jamari”, existente no início da ocupação territorial. A população de 1,5 mil pessoas se divide em cerca de 326 moradias e é formada por descendentes negros e indígenas que habitavam na região,

predominando a população negra. Marcada por forte relação de parentesco, cinco grandes famílias formam a comunidade. São elas: Mafra, Ribeiro, Souza, Silva e Costa, sendo esta última a mais recente (LIMA, 2016).

Figura 2. Mapa da Comunidade de Jamary dos Pretos.



Fonte: imagem desenhada e cedida por Elivaldo, morador local e agente comunitário de saúde. Arquivo pessoal.

Alvo de muitas pesquisas envolvendo cultura quilombola, em nível de Maranhão e Brasil, Jamary dos Pretos tem se tornado velha conhecida de estudiosos da área da geografia, história, antropologia e saúde. Uma simples pesquisa em meio eletrônico revelou 12 trabalhos científicos, entre teses, artigos, anais de congressos e livros que destacam Jamary como local de pesquisa; além destes, muitos outros materiais impressos e publicados por outras vias que não eletrônicas, existem, reafirmando a riqueza científica que se encontra em Jamary dos Pretos.

Dos 12 trabalhos encontrados (Tabela 2), os focos em pesquisa foram, didaticamente, classificados em cinco, a saber: questões geográficas e espaciais; culturais e religiosas; políticas e sociais e; de educação e saúde. Destes trabalhos e através de relatos de moradores, foi possível se extrair as seguintes informações:

Tabela 2. Trabalhos publicados sobre Jamary dos Pretos

Autor/ Ano	Tipo	Título	Área
Projeto Vida de Negro/ 1998	Livro	Jamary dos Pretos: terra de mocambeiros	Política e Sociedade/ Cultura e Religião
O'Dwyer, E. C, Carvalho, J.P.F de/ 2002	Capítulo de livro	Jamary dos Pretos, município de Turiaçu - MA	Política e Sociedade/

			Cultura e Religião
Alonso, S./ 2008	Capítulo de livro	O fazer etnográfico: políticas, mediações e definições de grupo	Política e Sociedade
Fiabani, A. /2009	Artigo	Os quilombos contemporâneos maranhenses e a luta pela terra	Política e Sociedade
Rodrigues, T.C.S, Souza, U.D.V, Feitosa, A.C./2009	Artigo	Caracterização sócio-ambiental da comunidade Jamary dos Pretos, Turiaçu-MA	Geografia e Espaço
Araújo, T.D. Sousa, J.B.C.de, Feitosa, A.C./2010	Anais de Congresso	Dinâmica da paisagem na área do povoado quilombola de Jamary dos Pretos, Turiaçu-MA.	Geografia e Espaço
Rodrigues, T.C.S, Viegas, J.C, Souza, U.D.V/ 2011	Artigo	Geografia física, riesgos socioambientales y cambio climático	Geografia e Espaço
Sousa, C, Cutrim, I.G./ 2012	Anais de Congresso	A construção discursiva das identidades quilombolas em Jamary dos Pretos – Turiaçu-MA	Política e Sociedade
Pinheiro, M.R.D. Lira, J.R.daS. Araújo, M.S./2013	Anais de Congresso	O turismo cultural na comunidade quilombola de Jamary dos Pretos – MA	Cultura
Sousa, C, Cutrim, I.G./ 2013	Artigo	Práticas discursivas e função enunciativa na constituição do sujeito quilombola	Política e Sociedade
Santos, G.M.O./ 2013	Tese	Um saber semioticamente construído: a visão de mundo no léxico do quilombo Jamary dos Pretos – Turiaçu/MA	Política e Sociedade/ Cultura e Religião
Varga, I.V.D, Cardoso, R.L.S./ 2016	Artigo	Controle da hipertensão arterial sistêmica na população negra no Maranhão: problemas e desafios	Saúde e Educação

Fonte: Gomes, 2017.

- Geografia e espaços de Jamary dos Pretos

O porto, localizado no território de Turiaçu, foi utilizado no século XVIII para tráfico clandestino de escravos fora do controle alfandegário; contribuindo para o elevado número de escravos em relação à população livre da região. Além da fronteira não controlada pelo Estado, a região, repleta de rios e matas pouco conhecidas, foi favorável para o esconderijo e fuga da

escravatura; esse território, ainda nos dias atuais, é de densa vegetação, e, apesar de trafegável, esconde a comunidade quilombola de Jamary dos Pretos por trás de grandes palmeiras, espinhais e campos naturais (O'DWYER e CARVALHO, 2002).

Figura 3. Rua de Jamary dos Pretos



Fonte: GOMES, 2017. Arquivo pessoal.

Jamary dos Pretos se localiza em uma área de planície, rebaixada e com pequeno trecho inundável durante o período chuvoso; é uma região cercada de morros, solos profundos e baixa fertilidade natural. Historicamente, o território que compreende a comunidade foi explorado por garimpo, devido a presença de dezenas de minerais em seus rios, e foi, ainda, foco de desmatamentos para a prática da agricultura e pecuária pela própria população e por pequenos madeireiros dos arredores. Além dessas implicações sobre os recursos naturais das terras que compreendem Jamari, dentro da própria comunidade, edificações têm sido feitas sem levar em consideração os riscos geomorfológicos do local, e certos costumes ligados à preparação do solo para a agricultura têm acarretado consequências negativas ao sítio (ARAUJO, SOUSA e FEITOSA, 2010). Tomando consciência disso, na última década, os “jamarienses”, estabeleceram normas, que colocam como obrigação de todos os habitantes, o uso e a fiscalização dos recursos naturais. Desta forma diminuiu-se os impactos ambientais e as práticas locais se tornaram socialmente sustentáveis (RODRIGUES, SOUZA E FEITOSA, 2009).

No território de Jamary, existem ainda o que são denominados por eles de “campos naturais”, pedaços de terra com vegetação rasteira que, ainda segundo eles, existem naturalmente no local são utilizados para criação de gado. Os moradores enfatizam que os campos naturais são os mais adequados para a criação e que a utilização é harmônica e

respeitosa. Cada um respeita e cuida do espaço que é de todos (O'DWYER e CARVALHO, 2002).

O clima na comunidade é quente com rajadas de vento durante todo o dia. Os moradores contam que antes fazia frio no Jamary à noite, mas, com as queimadas nos arredores para a construção dos roçados, a mudança de temperatura entre o dia e a noite tem se tornado menor; porém, o clima não deixa de ser agradável.

A comunidade quilombola de Jamary dos Pretos é formada por Arrudá, Outeiro das Queimadas, Santo Antônio, Restinga, Rancho do Arroz, Baixo do Amâncio, Boca do Caminho do Centro, Boca do Campo, Boa Vista e Cajual. Essas pequenas comunidades adjacentes, são por eles chamadas de “bairros” e têm Jamary como sede, que é onde se encontra a maior concentração de moradias e os espaços comunitários, como escolas, igrejas, casa de farinha, barracão de festas e o campo de futebol. Além da sede e dos bairros, a comunidade possui também os “centros de roçado”, áreas usadas para a produção, que se localizam em sítios cercados por mata preservada com palmeiras e grandes árvores de madeira; cada família tem seus centros de roçados, onde os trabalhadores constroem uma moradia temporária para abrigá-los durante o calendário agrícola (SILVA, 2015).

- Elementos culturais e religiosos presentes em Jamary dos Pretos

Figura 4. Tambor de Crioula em Jamary dos Pretos



Fonte: LIMA, 2016.

O tambor de crioula é tradição na comunidade, as mulheres vestem as saias coloridas e entram na roda de dança, enquanto os homens tocam os tambores. Quando questionados sobre o tambor, as pessoas em Jamary falam com orgulho e fazem questão de mostrar como se dança. Usam o tambor para receber os visitantes e para demonstrar a cultura quilombola quando

acontecem eventos de fora, na comunidade. As crianças brincam de dançar tambor e essa representação é vista como algo que simboliza a alegria e o festejo, já que comumente são feitas rodas de tambor nas comemorações internas.

Segundo depoimentos, o tambor de crioula remonta aos terreiros das fazendas e o período de escravidão. É uma prática comum na maioria das comunidades negras quilombolas do Maranhão. As funções na apresentação do tambor de crioula são definidas pelo sexo: os homens se posicionam lado a lado formando uma linha imaginária, onde tocam os tambores; as mulheres, por sua vez, colocam seus trajes característicos para a manifestação cultural e iniciam sua dança girando o corpo em cores e sons. As dançadeiras levantam suas saias e provocam os tocadores, para que eles batam o tambor cada vez mais alto. As músicas cantadas falam sobre a mata e seus encantamentos, as mulheres, a dança, a liberdade, o trato com os animais, costumes e atividades cotidianas dos moradores de Jamary. E assim o tambor acontece e a animação só aumenta à medida que mais pessoas se envolvem nessa manifestação de cultura e tradição (O'DWYER e CARVALHO, 2002).

Uma festa religiosa tradicional na comunidade é a de Nossa Senhora das Graças, padroeira da comunidade, que acontece na Sede Comunitária e tem o envolvimento de toda a comunidade. Para a preparação do festejo são eleitos um “juiz da festa” e alguns “mordomos”, encarregados em recolher oferendas e pagamentos de promessas, que financiam a comemoração. Dentro do cronograma festivo estão incluídas novenas, procissão com a imagem da santa, um mastro enfeitado com oferendas e presentes e que carrega uma bandeira com a figura de uma pomba, mesa com comidas e bebidas e bailes que seguem noite adentro durante três dias de festejo. As oferendas presas no mastro ficam à disposição da população para serem retiradas, porém, ao fazê-lo, é costume que os mordomos detenham quem tentar e obriguem-no a pagar certa quantia por sua liberdade; essa tradição é vista como uma brincadeira e a população se diverte com essa prática, suprindo ainda a necessidade financeira da festa (O'DWYER e CARVALHO, 2002).

Além da festa tradicional católica, o tambor de Mina também se faz presente em Jamary dos Pretos; terreiros de candomblé e umbanda, raizeiras e benzedadeiras são atores presentes na comunidade, reforçando a descendência africana e indígena em Jamary dos Pretos (LIMA, 2016).

A expressão Tambor de Mina tem origem no instrumento utilizado nas manifestações religiosas e na etnia africana de onde vieram os escravos para o Maranhão, perdurando até os dias atuais. Em Jamary, existem dois terreiros: Terreiro do Evaristo Pé Grande e Terreiro do Tintol, atuantes até os dias de hoje (OLIVEIRA, 2017).

Segundo Ferreti (1996), o tambor de Mina chegou ao Brasil pelo Maranhão e se expandiu pelo Pará, Amazonas e outros Estados do Norte, além de cidades com grande número de migrantes do norte e nordeste, como São Paulo e Rio de Janeiro. Hegemônico do Maranhão, o Tambor de Mina foi reconhecido no passado como uma manifestação religiosa de origem indígena denominada Cura/Pajelança e como tradição religiosa afro-brasileira, surgida em Codó no Maranhão, denominada Mata ou Terecô.

A partir dos anos 60, a Mina recebeu influência da Umbanda e, em sua maioria, continuaram realizando rituais de Mina, Mata e Cura simultaneamente. No Tambor de Mina são cultuados voduns e orixás (africanos), gentis (nobres associados a orixás ou entidades africanas com nomes brasileiros) e caboclos (entidades surgidas nos terreiros brasileiros); essas entidades são de nações e famílias diferentes e também de diversas faixas etárias. No Maranhão, diversas denominações de religiões afro-brasileiras são ligadas ao catolicismo, realizando no terreiro festas do catolicismo popular como a Festa do Divino Espírito Santo e o Batismo com água benta, e ritos católicos fazem parte também das festas de voduns e encantados, como missas, procissão e ladainhas em latim (FERRETI, 1996).

Existem hoje três igrejas em Jamary: a igreja católica de Nossa Senhora das Graças, a igreja protestante Assembleia de Deus e a Adventista do Sétimo dia. Moradores relatam que, após a chegada da igreja protestante no local, o costume de “beber cachaça” diminuiu entre os homens e as radiolas de reggae já não tocam tanto quanto antes, trazendo a Jamary maior calma nas noites.

Percebe-se que o Tambor de Crioula - como manifestação cultural - e o Tambor de Mina - como representação religiosa -, por fazerem parte da história de Jamary dos Pretos, contribuíram para que esses saberes não se perdessem com as igrejas cristãs, mas mantivessem suas práticas simultaneamente sem grandes conflitos ou discussões religiosas.

- Política e sociedade em Jamary dos Pretos

Em meados dos anos 70, fazendeiros e empreendedores agropecuários tentaram invadir as terras do povoado com graves ameaças, estabelecendo um conflito lembrado por eles. Contam que pessoas vêm de fora do Jamary, se mostrando necessitados de terras para morar e são bem-aceitos na comunidade; porém, se aproveitam da situação e se apropriam das terras, fazendo falsos registros e vendendo a novos fazendeiros de cidades vizinhas (Projeto Vida de Negro, 1998).

Percebendo a necessidade de um investimento mais concreto na Defesa dos Direitos Sociais dos Moradores de Jamary, em 6 de setembro de 1994, foi fundada a Associação Rural de Moradores do Quilombo Jamary dos Pretos (Econodata, 2017).

A fala dos moradores é homogênea em dizer que “Tudo que se consegue no Jamary é graças a Associação dos Moradores”, pois foi a partir dessa formação que as investidas políticas da comunidade em busca de melhorias educacionais, de saúde e sociais passaram a chamar a atenção das autoridades municipais e estaduais.

Por ser território remanescente de quilombo registrado pelo *Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA)*, a posse de terras é comum aos descendentes dos primeiros moradores, assim, qualquer morador constrói suas casas e roçados na terra que compreende a Jamary, sem que sejam proprietários de terra (O'DWYER e CARVALHO, 2002).

A liderança de Jamary dos Pretos, em conjunto com representantes de outras comunidades negras, sentiu a necessidade de dinamizar suas ações pelo direito do seu povo, e, durante o “I Encontro de Comunidades Negras” em 1988, surgiu a proposta de criação de um projeto específico para auxiliá-los na causa; nomeado assim de “Projeto Vida de Negro” que, dedicado ao mapeamento das comunidades negras rurais com apoio de importantes fundações nacionais e internacionais (Fundação Ford dos Estados Unidos, Oxfam da Inglaterra, EZE da Alemanha, Cese da Bahia e Fundação Cultural Palmares/Ministério da Cultura), trabalhou questões agrárias e jurídicas para solucionar problemas fundiários, afirmando as comunidades de quilombo como comunidades políticas (FIABANI, 2009).

Através das lutas pela terra, a história do povo de Jamary foi resgatada. Segundo entrevistas para o trabalho “Fazer etnográfico: políticas, mediações e definição de grupo”, não se falava dos tempos de escravidão; essas memórias estavam guardadas apenas na mente dos “mais velhos” que viveram esse período ou que ouviram de seus pais as histórias, mas que com o tempo se deixou de falar. A própria população traz a fala de que “Ninguém sabia que isto era um quilombo”. Com as lutas pelos direitos de terra, esse saber começou a ser resgatado e voltou a ser disseminado entre a população de Jamary; porém, quando questionados, ainda indicam as pessoas mais velhas para o relato (ALONSO, 2008).

- A educação e saúde em Jamary dos Pretos

Segundo relatos de moradores, na chamada sede de Jamary existem duas escolas: uma municipal, onde acontece a Educação Básica das séries iniciais até o 9º ano, e uma escola estadual, que atende o Ensino Médio. Os moradores das 10 comunidades adjacentes a Jamary, onde o acesso é dificultoso, precisam se deslocar para a sede para ter acesso ao ambiente escolar. Assim, a comunidade se organiza para recebê-los durante toda uma semana. Os alunos de Ensino Médio são alojados na escola durante a semana de estudos e têm aulas por módulos nos turnos matutino e vespertino; ao fim de semana, retornam para suas comunidades de origem

para uma semana em suas casas. Segundo relato dos professores, os jovens de Jamary têm muito interesse em aprender, pois pensam em passar no vestibular para ter uma formação e colaborar com a qualidade de vida na comunidade em que vivem. As principais vocações buscadas por eles, segundo depoimentos colhidos, são na área da Educação e da Saúde. Percebe-se que muitos se espelham em seus próprios professores e pensam em contribuir com Jamary.

Figura 5. Crianças brincando em frente à escola municipal em Jamary dos Pretos



Fonte: GOMES, 2017. Arquivo pessoal.

Sobre a saúde, a realidade não é animadora. Em Jamary não existe posto de saúde, apenas agente comunitário. A saúde se faz, principalmente, pelos cuidadores tradicionais, que em muito se mistura com a religião. Através do tambor de Mina, cuidadores tradicionais jogam baralho e ensinam os remédios incorporados. As orientações de medicação são dadas por entidades que se manifestam; a fama dos cuidadores de Jamary já vai longe e pessoas de outras comunidades se deslocam para lá em busca de atendimento. As medicações são feitas principalmente por plantas, já que os remédios contemporâneos não são encontrados facilmente por lá e, para ter acesso a uma consulta médica, é preciso se deslocar até Turiaçu e com muita dificuldade conseguir um agendamento (LIMA, 2016).

Os partos são feitos, em grande parte, por parteiras tradicionais. Existem cerca de 10 parteiras em Jamary e comunidades adjacentes. Em conversa com um grupo de mulheres de Jamary, foi ouvido que “Tem muita mulher em Jamary que prefere fazer o parto na comunidade mesmo. Elas esperam a hora e chamam a parteira pra ter aqui mesmo. Mas aí se não dá certo é que tem que ir às pressas pra Turiaçu”. Já outras que optam por cuidados médicos, ao se aproximar da data do parto, se deslocam para Turiaçu ou Pinheiro e ficam aguardando o momento chegar. Uma das mulheres relatou que o número de parteiras em Jamary tem

diminuído; “Algumas nascem com o dom, mas não querem mais seguir, e assim tá se perdendo essa profissão”.

Figura 6. Atendimento médico realizado pelo NuRuNI através do projeto sobre hipertensão.



Fonte: GOMES, 2017. Arquivo pessoal.

Além da medicina tradicional em Jmary, o Núcleo de Extensão e Pesquisa com Populações e Comunidades Rurais Negras Quilombolas e Indígenas (NuRuNI), do Programa de Pós-Graduação em Saúde e Ambiente da Universidade Federal do Maranhão desenvolveu um projeto sobre problemas identificados no controle da hipertensão arterial entre negros e os desafios para a efetiva implementação e operacionalização da Política Nacional de Saúde Integral da População Negra no Estado. Através deste, iniciado em 2010, o grupo promoveu suas atividades em Jmary dos Pretos, se tornando conhecido pela população e prestando atendimento médico e de enfermagem. Buscou apoio das esferas municipais, estaduais e federais para a realização de capacitações, conscientizações e intervenções com foco na hipertensão arterial, e elaborou as agendas de saúde, que muito têm contribuído com a saúde quilombola (VARGA e CARDOSO, 2016). Este projeto serviu de base para outros projetos de Saúde e Educação partidos do NuRuNI, que tem sido aliado da Associação de Moradores da Comunidade Quilombola de Jmary dos Pretos, em busca de qualidade de vida para a população.

Iniciativas como essa têm contribuído com a população de Jmary de diversas formas. Projetos pedagógicos, ações de saúde com estudantes de enfermagem, medicina e outras profissões na área da saúde, têm, cada vez mais, feito parte do cenário da comunidade; os

representantes do NuRuNI já são conhecidos e muito bem aceitos na comunidade quilombola de Jarmy dos Pretos, e foi nesse universo que esta pesquisa ganhou forma e se fez.

4. MÉTODOS

Para o desenvolvimento do estudo proposto, utilizou-se o método de pesquisa etnográfico de observação participante, considerando que se investigou costumes sociais da cultura quilombola de Jamary dos Pretos.

A abordagem qualitativa, onde se encaixa a etnografia, descreve a complexidade de determinado fenômeno, analisa a interação entre as variáveis, compreende e classifica os processos dinâmicos vividos pelo grupo social, e possibilita um maior nível de aprofundamento no entendimento das particularidades no comportamento dos indivíduos. O estudo qualitativo pode ser caracterizado, ainda, como uma forma adequada para entender a natureza de um fenômeno social. (RICHARDSON, 2014)

A pesquisa etnográfica, segundo ROCHA e ECKERT (2008) tem seu procedimento de coleta de dados associado a uma prática de trabalho de campo embasada na convivência relativamente prolongada do pesquisador junto ao grupo a ser estudado. Responde a uma produção de dados antropológicos a partir da relação do pesquisador e dos sujeitos estudados em interação no contexto, lançando mão da observação direta, conversas formais e informais e entrevistas não diretivas. A pesquisa etnográfica, e, neste caso, de observação participativa, constitui-se em ver e ouvir, deslocando-se da própria cultura, para colocar-se no interior do fenômeno observado através de participação efetiva nas formas de sociabilidade a qual a realidade investigada se apresenta. O método é definido como uma abordagem na qual o observador participa ativamente das atividades pesquisadas e se adapta a ela (MÓNICO, ALFERES, CASTRO E PARREIRA , 2017). Assim se fez em Jamary dos Pretos.

Durante o projeto de extensão sobre hipertensão desenvolvido pelo Núcleo de Extensão e Pesquisa com Populações e Comunidades Rurais Negras Quilombolas e Indígenas (apresentado no capítulo “Conhecendo Jamary dos Pretos” na página 28), foi possível conhecer a comunidade de Jamary dos Pretos, ter contato com pais e crianças e perceber seus costumes e rotina. A partir desse contato e descoberta, surgiu o interesse em desenvolver um novo projeto de pesquisa, dessa vez em âmbito de mestrado, com o objetivo de conhecer como brincam as crianças da comunidade quilombola de Jamary dos Pretos, surgindo então a pesquisa aqui apresentada.

O projeto de pesquisa controle da hipertensão arterial entre negros já acontecia, mas serviu como porta de entrada na comunidade de Jamary dos Pretos para a pesquisa sobre o brincar. Dentre os participantes do projeto de hipertensão, estavam também o orientador e a pesquisadora deste trabalho científico.

Elaborado o projeto de pesquisa intitulado “Como brincam as crianças da comunidade quilombola de Jamary dos Pretos em Turiaçu – MA”, submeteu-se ao comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Maranhão através da Plataforma Brasil e obteve-se aprovação sob o número de parecer 2.183.036. A coleta de dados em campo aconteceu num período de 1 ano, entre setembro de 2016 a setembro de 2017. Totalizaram seis visitas, sem uma periodicidade estabelecida, pois dependiam do cronograma da comunidade, do programa de mestrado, de atividades externas da pesquisadora e do acesso à comunidade. Assim, a frequência de visitas variou de um a três meses, com permanência de dois a quatro dias de estadia em Jamary dos Pretos, porém o contato com a comunidade e representantes se mantinham através de telefone.

A partir de então, o projeto de extensão em hipertensão e o projeto de mestrado acadêmico sobre o brincar quilombola, passaram a ser desenvolvidos concomitantemente. A equipe envolvida nos dois projetos foi recebida nas residências de moradores da comunidade, passando a participar de suas rotinas, fazendo refeições junto com as famílias, tendo momentos de conversa e descontração e ouvindo relatos sobre a história das famílias e da comunidade a qual se inseriam.

Durante as atividades do projeto de extensão em hipertensão, foi possível conversar com crianças sem distinção de idade fazendo perguntas sobre as brincadeiras que fazem e os brinquedos que utilizam. Presenciou-se o desenvolvimento de brincadeiras enquanto os pais eram consultados e participavam de palestras de conscientização sobre hipertensão, e assim se conheceu seus brincares e a familiaridade mútua se fez. À medida em que as visitas aconteciam, percebeu-se que as crianças se sentiam mais à vontade com a presença externa e convites para participar dos brincares foram acontecendo naturalmente, facilitando a experiência.

De forma a qualificar a compreensão do brincar, optou-se por utilizar a entrevista semiestruturada como instrumento de coleta de dados. A entrevista semiestruturada caracteriza-se por levantar questionamentos básicos baseados em teorias acerca do tema da pesquisa. Neste caso, adequou-se a proposta de pesquisa visto que a entrevista semiestruturada favorece a descrição e compreensão de fenômenos sociais. Além disso, permite a confecção de um roteiro com questionamentos principais e a inclusão de outros questionamentos que porventura surjam no momento da entrevista (MANZINI, 2004), abrangendo o objeto de estudo, facilitando a compreensão do fenômeno social e ampliando a possibilidade de alcançar os objetivos da pesquisa.

Com o conhecimento adquirido através da experiência do brincar na comunidade quilombola de Jamary dos Pretos, desenvolveu-se roteiro de pesquisa que serviu como base para a realização de entrevistas semiestruturadas.

Como critério de elegibilidade foram adotados os seguintes requisitos: ter idade entre 7 e 12 anos de idade, e estar regularmente matriculado na escola da comunidade; seriam excluídas da pesquisa as crianças que tivessem alguma deficiência ou doença neurológica e as que não gozassem de boa saúde no momento das visitas.

Segundo Piaget, estudioso do desenvolvimento infantil, dos 7 aos 12 anos as crianças se encontram no período das operações concretas, caracterizado pela capacidade de estabelecer relações e coordenar pontos de vistas diferentes, além da integração da lógica em seu raciocínio (RAPPAPORT, 1981). Para Erikson, psicanalista infantil americano, nesta mesma faixa etária a criança se encontra no estágio de “Diligência x Inferioridade”, onde tem maior controle da atividade intelectual e equilíbrio às regras sociais (RABELO, 2017). Por fim, Freud (1905), classifica como período de latência, dos 6 anos à puberdade, a idade em que a socialização se amplia e ocorre a caracterização do eu.

Levando em consideração as teorias do desenvolvimento supracitadas, vê-se que a partir dos 7 anos as crianças estão mais sociais, e têm habilidades intelectuais e lógicas desenvolvidas que as capacitam para decidir participar da pesquisa ou não, e responder com maior propriedade ao questionário aplicado.

Em conjunto com uma professora da comunidade e o diretor da escola de Jamary dos Pretos, foi realizado um levantamento do número de crianças que se incluíam nas séries escolares que abrangessem a idade pré-definida para compor a população da pesquisa e foi alcançado o número de 65 crianças.

Mais visitas foram feitas e, nestas, após conversar com algumas crianças sobre a intenção das entrevistas para a pesquisa, três meninas de 7 e 9 anos (uma de 7 e duas de 9) se ofereceram para acompanhar as visitas de casa em casa e assistir as entrevistas. Assim realizou-se a primeira visita com entrevistas.

Uma das meninas, que aqui chamaremos ficticiamente de Mariana (9 anos), declarou que sua brincadeira preferida é de escola e que a brincadeira é realizada com as outras crianças da comunidade. Por isso, Mariana é sabedora da idade e nome da maioria das crianças de seu convívio e foi relatando quais das crianças se incluíam nos critérios de elegibilidade e onde cada uma delas residia. Assim, foi-se em cada casa conversando com pais e crianças e realizando as entrevistas.

As entrevistas eram gravadas em áudio após conversa com as crianças e os pais sobre como aconteceria a pesquisa. Esclarecidas as dúvidas e apresentando a eles o gravador, iniciava-se a gravação, deixando o dispositivo em uma superfície enquanto as conversas aconteciam e eram feitos os questionamentos pré-elaborados segundo roteiro.

Em alguns momentos as entrevistas eram realizadas em pequenos grupos de crianças (até quatro simultaneamente) e em outros momentos individualmente, porém sempre com a presença de muitas crianças da comunidade que se divertiam em acompanhar a realização da pesquisa.

As visitas seguiram na companhia de crianças já entrevistadas e de uma professora da comunidade que aqui chamaremos ficticiamente de Lana. A professora Lana carregava consigo a relação de crianças que cursavam as séries que abrangeriam a idade estipulada. O percurso foi feito a pé, por toda a comunidade de Jmary dos Pretos. As crianças demonstravam grande empolgação em participar da pesquisa e seus pais foram receptivos de igual modo.

As visitas aconteceram em todas as casas onde havia crianças nas séries indicadas e foram contabilizadas 39 crianças, tendo em vista que algumas nessas séries ainda não tinham atingido a idade de 7 anos no momento das entrevistas e outras já haviam ultrapassado essa idade. Assim a amostra da pesquisa se compôs de 39 crianças que se encaixaram nos critérios de elegibilidade e não houve exclusão.

Figura 7. Crianças e pais acompanhando e sendo entrevistados



Fonte: GOMES, 2017. Arquivo Pessoal.

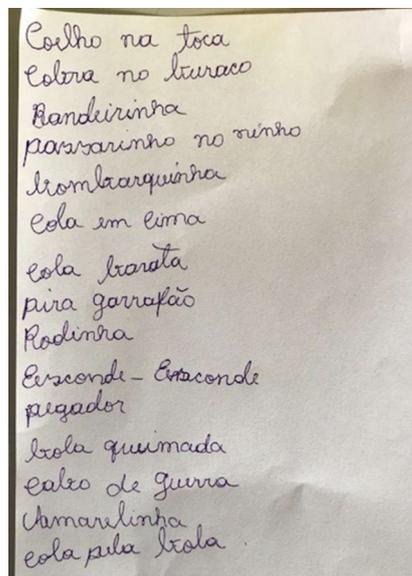
Todas as crianças foram questionadas se queriam participar da pesquisa e assinaram Termo de Assentimento Livre e Esclarecido, segundo recomendado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Maranhão. Da mesma forma os pais ou responsáveis,

esclarecidos sobre a pesquisa e seus objetivos, consentiram na participação de seus filhos assinando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Estes termos foram impressos em duas vias, ficando uma com a família e outro com a pesquisadora. Foi esclarecido que tanto as crianças como os responsáveis têm liberdade e autoridade para se retirarem da pesquisa a qualquer momento caso mudem de ideia. Ainda assim, todos permaneceram em aceitação de participação.

Entre uma entrevista e outra, a convite das crianças e algumas vezes dos pais, foi possível conhecer o local do brincar relatado nas entrevistas, que iam desde quintais, quartos e campos, até “dentro do mato” como era chamado pelas pessoas da comunidade. Tudo isso foi registrado em fotografias autorizadas e descrições em áudio. Nestes momentos eram apresentados, também, os brinquedos utilizados pelas crianças, de forma a ilustrar todo o relato colhido.

Após a realização das entrevistas, foi promovido um momento por parte da professora Lana, onde as crianças se reuniram no pátio escolar em dia não letivo, sem obrigação, e juntas fizeram uma lista de algumas brincadeiras de seu cotidiano e demonstraram o brincar de cada uma, incluindo a equipe de pesquisa, permitindo a experiência no brincar quilombola.

Figura 8. Lista de brincadeiras selecionadas e escrita pelas crianças.



Fonte: GOMES, 2017. Arquivo pessoal.

Alguns pais compareceram à escola nesse momento de pesquisa e imersão cultural e deram dicas de como brincar, já que, à equipe de pesquisa, faltava desenvoltura no brincar quilombola. Em alguns minutos o brincar, por parte da equipe, foi se tornando mais natural, mas ainda assim, motivo de risada das crianças.

Assim conheceu-se os brincades quilombolas de Jamary dos Pretos: através de perguntas, relatos, observação, registros fotográficos e vivência.

Para análise dos dados escolheu-se a análise de conteúdo, que permite descrever e interpretar documentos, textos e entrevistas através de descrições qualitativas e quantitativas atingindo maior nível de compreensão de significados que vai além da simples leitura. Tal método interpreta diversos materiais como fotografias, entrevistas e vídeos, como é o caso desta pesquisa. É possível computar palavras, categorizar frases, descrever expressões e formular interpretações sociais. São etapas desse método a categorização, descrição e interpretação dos dados (MORAES, 1999).

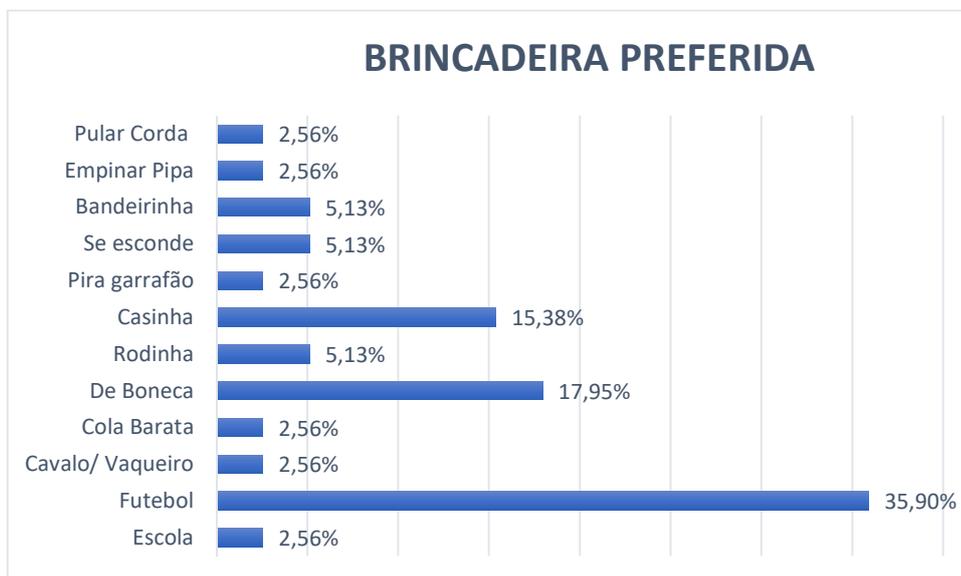
Assim, os elementos do brincar como nome de brincadeiras, locais em que se brinca, com quem se brinca e brinquedos utilizados foram descritos em tabelas para simples representatividade e, analisados quantitativamente através da frequência com que apareceram nos discursos das crianças, em forma de gráficos. Posteriormente, interpretados qualitativamente, através da descrição das brincadeiras, brinquedos e espaços, e apresentações fotográficas levando ao trabalho científico todo o significado cultural que expressa.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

As entrevistas realizadas foram transcritas e os dados organizados em formato de gráficos para dar valor quantitativo aos achados. Qualitativamente as brincadeiras e percepções do brincar foram descritas e discutidas, juntamente com recortes de falas das entrevistas, de forma a valorizar o trabalho de pesquisa.

Durante a vivência, conversas informais e entrevistas, as crianças citaram 33 brincadeiras, destacando as suas preferidas (Gráfico 1). Dentre elas, a com maior preferência foi o futebol, citada tanto por meninas quanto por meninos, seguida de brincar de boneca e casinha. Em Jamary, desde a sua estrutura física, o futebol é destacado como atividade importante e inerente à comunidade. Localizado de forma centralizada na sede, o campo de futebol serve de ponto de encontro entre crianças, adolescentes e adultos, e jogar bola é atividade levada a sério em Jamary. Existe time de futebol masculino, além de times infantojuvenis, sendo esses masculinos e femininos, formado por crianças e adolescentes da comunidade. Não apenas uma atividade de lazer, mas um esporte considerado importante pela população, e que une adultos e crianças em uma atividade em comum.

Gráfico 1. Brincadeiras preferidas pelas crianças de Jamary dos Pretos



Fonte: GOMES, 2017 (arquivo pessoal)

Silva (2015) ressalta que o futebol é uma atividade que, por suas regras e condições, tem grande importância no desenvolvimento infantil, pois durante o brincar, torna possível o relacionamento interpessoal dos brincantes, trocando experiências através da competição, além de favorecer a cooperação em grupo com foco num mesmo objetivo, estimulando o conviver em sociedade. As habilidades motoras, também fortemente trabalhadas no jogo de futebol, são trabalhadas em conjunto com a tomada de decisões.

No Brasil, é comum encontrar crianças e adultos jogando futebol em campos próprios, quintais ou mesmo na rua, e em Jamary dos Pretos não é diferente. A atividade é considerada um elemento da cultura brasileira, tendo em vista sua popularidade. Os pais brincam com seus filhos e as crianças entre si, transmitindo conhecimento entre as gerações, transformando o jogo de futebol em uma realidade social que integra a população (SILVA, 2015).

Verna (1999), destaca o futebol como esporte nacional no Brasil e dá ênfase em sua importância sociocultural, permitindo que seja visto através dele fenômenos contemporâneos nas dimensões lúdicas, sociais, econômicas, políticas, culturais e tecnológicas. No Brasil, o futebol é língua falada por todos e que rompe barreiras; permite a interação entre as pessoas mais diferentes ou distantes culturalmente e valoriza a aproximação em prol de uma mesma paixão.

Figura 9. Crianças jogando futebol



Fonte: GOMES, 2017. Arquivo pessoal.

“... porque os grandes jogam aí demais, né, nós fica (ficamos) só olhando, aí nós joga (jogamos).”

Da mesma forma, a brincadeira de casinha e de bonecas, tendo sido citadas nessa pesquisa como brincadeiras diferentes (para brincar de casinha, nem sempre é necessário a introdução do brinquedo boneca, e é permitido uma ampla variedade de brincades envolvendo a boneca de acordo com a imaginação da criança que brinca). Porém, ambas as brincadeiras (casinha e boneca) são reflexos da realidade social que a criança observa e vive. Em Jamary dos Pretos, a mulher tem papel de destaque na comunidade, sendo sinônimo de força e luta, tendo representação nas atividades de roça, ensino e domésticas, cuidando da casa, marido e filhos. O brincar de casinha e de boneca, nada mais são que a reprodução dessa realidade. As

crianças (meninos e meninas), enquanto brincam, constroem suas próprias casinhas, utilizando objetos de suas casas ou construindo seus objetos com elementos domésticos e da rua, e encenam situações comuns em suas rotinas, fazendo “comidinha” com plantas, terra e água. Os papéis sociais de homens e mulheres de Jamary, são divididos entre meninos e meninas e toda a rotina dos adultos é recriada enquanto se brinca.

O papel de mãe, geralmente representado por uma menina mais velha, é assumido como a coordenadora das atividades da brincadeira. É aquela que organiza a casa, cuida dos filhos e dá as ordens. Os meninos assumem o papel de marido ou filho e agem como tal; o marido trabalha fora, chega em casa para as refeições e obedece e divide ordens com a mãe. Outros papéis encontrados são de filhas e filhos, irmãos mais velhos, irmãos caçulas e amigos que moram em outra casa; esses últimos são mais passivos quando se trata de direcionar a brincadeira, mas não menos atuantes. Como na realidade da comunidade quilombola, as mulheres assumem um papel de coordenação e autoridade na rotina encenada e é possível perceber com clareza, o dia a dia das famílias de Jamary, expressos no brincar.

Figura 10: Criança demonstrando onde brinca de casinha e de escola.



Fonte: GOMES, 2017. Arquivo pessoal.

Da mesma forma acontece o brincar de escola e de cavaleiro. Entre as mais populares em Jamary, representam ações desempenhadas por adultos e que, admiradas pelas crianças, são recriadas em suas brincadeiras.

Segundo Barboza e Volpini (2015), quando as crianças utilizam o jogo simbólico para representar papéis observados por elas, como nas brincadeiras de casinha, escola e cavaleiro, desenvolvem aspectos cognitivos, sociais, motores e afetivos, construindo sua vida social e

trazendo novos significados no faz de conta. Elas imitam pessoas de seu convívio e transformam objetos em outros, realizando suas próprias vontades e desejos.

A representação e construção de personagens sugerem a vivência de situações semelhantes em suas rotinas. Os elementos necessários para a construção do brincar de casinha são resgatados da memória e refletem as relações sociais, sentidos e valores, associados a características psicológicas de cada criança. A interação entre as crianças durante o brincar permite a representação de situações vividas ou observadas e serve como um ensaio do aprendido para a atuação na sociedade (MARTINS e SZYMANSKI, 2004).

As demais brincadeiras citadas como preferidas são de intensa atividade motora, como “se esconde”, “pira garrafão”, “cola barata” e “bandeirinha”. Todas são conhecidas em diversas sociedades, porém com variação em suas nomenclaturas. Se esconde, também chamada de esconde-esconde ou “de esconder” é praticada mundialmente e sua descrição não foge ao nome dado; “pira garrafão”, não tão comum assim, pode ser chamada de “salve latinha”, “pira lata” dentre outras denominações, e é uma variação mais desafiadora da brincadeira de “se esconde” (ambas descritas no capítulo seguinte); “cola barata”, conhecida também por “cola por baixo”, é um “pega-pega” ou “pegador” com mais possibilidades; e por fim, “bandeirinha”, também chamada de “rouba bandeira” em outros locais, é um jogo com regras, mas que também exige estratégias e agilidade.

O que torna essas brincadeiras únicas em Jamary são os nomes dados e pequenas variações no desenvolver do brincar, características das crianças que as praticam. Pira significa fugir, correr (Dicionário do Aurélio, 2017) e traduz o universo que envolve todas as brincadeiras que, em Jamary, tem “pira” em sua nomenclatura. Outras brincadeiras são assim chamadas por ter, em suas características, posições ou ações que lembrem o costume de animais, como a cola barata, que significa passar por baixo das pernas enquanto se brinca, semelhante ao comportamento de uma barata.

O projeto Mapa do Brincar, desenvolvido por Gabriela Romeu em 2009, fez uma pesquisa pelo Brasil para catalogar brincadeiras de diversas regiões e encontrar semelhanças e diferenças nos brincares pelo País. Em seus achados, a brincadeira de Pira Garrafão é denominada de “chuta lata”, e é brincada exatamente igual em Jamary, porém catalogada como originária da Cidade de São Paulo (ROMEU, 2017).

Outra brincadeira encontrada em Jamary e no Projeto Mapa do Brincar, foi “passarinho no ninho, cobra no buraco”, chamada apenas de “esconde-esconde objetos”, porém com pequena variação. Em ambas as brincadeiras, um objeto é escondido para que as outras crianças o encontrem, porém, na brincadeira catalogada como originária de Cuiabá (MT), o organizador

da brincadeira dá dicas apenas como “tá frio e tá quente” para designar se perto ou longe do objeto escondido, quando em Jamary dos Pretos, além desta dica, a criança que escondeu o objeto ainda diz se é passarinho no ninho, quando em lugar alto, ou cobra no buraco, quando em lugar baixo (ROMEY, 2017).

É natural que a criança busque brincadeiras em que ela corra, salte, pule e arremesse, já que essas são habilidades motoras fundamentais ao desenvolvimento infantil e possibilitam o aperfeiçoamento dessas habilidades, além do conhecimento e controle do próprio corpo em diferentes posturas. Quanto mais diverso o ambiente em que a criança brinca, maiores são as possibilidades de posicionamento, de saltos, esconderijos e arremessos, e maiores são, ainda, as aquisições motoras durante o brincar (GONÇALVES, 2016). Assim se explica a grande quantidade de brincadeiras que desafiam essas habilidades, citadas pelas crianças de Jamary.

Mas, apesar das preferências que foram citadas nas entrevistas, a brincadeira mais percebida durante a estadia na comunidade foi a brincadeira de roda. Quando o sol baixava, em cada área de terra em frente às casas, igrejas e reuniões de adultos, algumas crianças se reuniam e brincavam de roda, chamada por elas de “rodinha”, cantando músicas que aprenderam com os mais velhos da comunidade ou músicas populares na televisão, para crianças.

A “cara” de Jamary está estampada nas brincadeiras de rodinhas. Apesar de ser uma brincadeira popular em todo o mundo, elementos próprios da comunidade se destacam nesse brincar quando as crianças cantam músicas que aprenderam com os pais, avós, tios e professores; quando dançam com movimentos relacionados a atividades frequentemente desempenhadas na comunidade e quando trazem movimentos aprendidos no Tambor de Crioula para suas danças em rodinha.

Segundo Sloboda (2017), as cantigas de rodas têm origem em Portugal e França, trazendo esse fazer como uma herança ao povo brasileiro. As cantigas de roda, hoje, já compõem a cultura brasileira e são um reflexo do folclore popular. Os costumes, festas típicas, comidas, brincadeiras, cotidiano da sociedade, fauna e flora, são representados através das músicas entoadas durante a brincadeira.

Cascudo (2001) reforça que as cantigas entoadas durante as brincadeiras de roda são passadas de geração em geração e eram usadas para entreter e adormecer crianças, além de recurso de aprendizado nas casas, escolas e até mesmo, nas ruas.

As cantigas de rodas têm letras e coreografias simples, fáceis de memorizar e geralmente são de temas referentes à realidade das crianças, animais, plantas, adultos e rotina da população (CASCUDO, 2001).

Em Jamary, a canção mais entoada nas rodinhas foi a “farinhada”:

*“Vou fazer uma farinhada muita gente eu vou chamar,
Vou fazer uma farinhada muita gente eu vou chamar,
Só quem entende de farinha venha peneirar aqui,
Só quem entende de farinha venha peneirar aqui (...)”*

Figura 11. Crianças brincando de rodinha.



Fonte: GOMES, 2017.

Essa canção reflete uma atividade rotineira na comunidade quilombola que é a produção de farinha. Muitas famílias têm casa de farinha em seus quintais e as que não têm, utilizam de seus amigos, vizinhos e parentes, mas as crianças crescem em meio à produção de farinha e, inclusive, brincam nesses locais e fazem farinha durante as brincadeiras ou auxiliando seus pais.

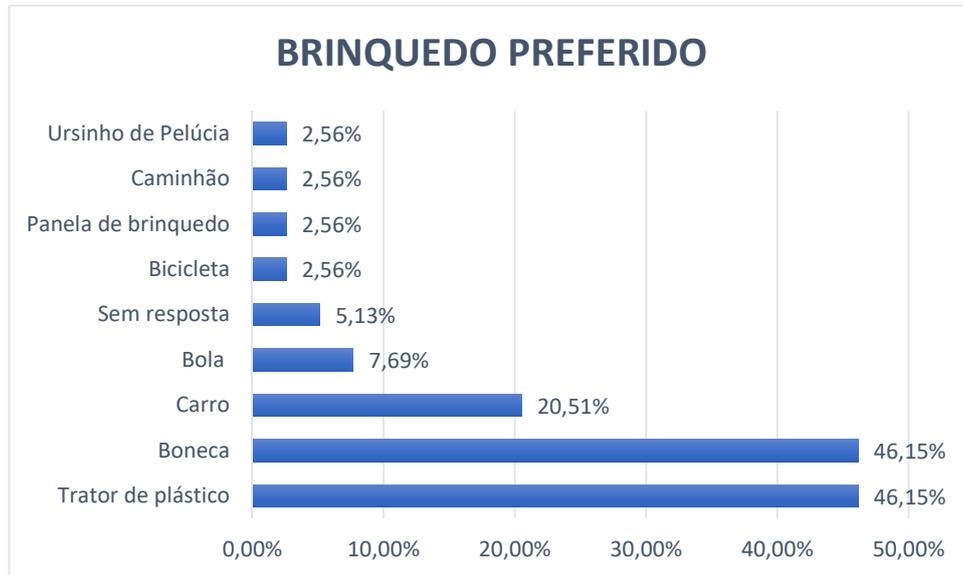
A produção de farinha em Jamary dos Pretos é mais do que um costume, já que a farinha está inserida na maioria das refeições da comunidade. Café com farinha, xibé (alimento que utiliza água, farinha, limão e cheiro verde) no lanche, farinha acompanhando pratos principais como peixe, carne vermelha ou frango, farinha com banana, dentre outras variações, são fundamentais no cardápio da comunidade. Consiste ainda em atividade de renda, pois moradores produzem a farinha para comercialização dentro da comunidade e fora dela.

Dentre os brinquedos preferidos, a boneca e o carro se destacam. Segundo uma moradora da comunidade:

“Hoje em dia as crianças só querem brinquedos comprados. No meu tempo, a gente fazia os brinquedos. Pegava o coco pra fazer pião, fazia ‘os boizinho’ com as coisa que achava no mato. Agora esses meninos só querem celular”.

Uma criança (12 anos) citou o celular como um brinquedo utilizado. Apesar de as outras crianças não relatarem durante as entrevistas, muitas eram vistas com celular na mão brincando com joguinhos virtuais.

Gráfico 2. Brinquedos preferidos das crianças de Jamary dos Pretos



Fonte: GOMES, 2017. Arquivo pessoal.

Os brinquedos tecnológicos estão cada vez mais presentes na sociedade atual e isso alcança até a mais distante comunidade. Celulares, videogames e outros artigos virtuais já se fazem presentes na vida das crianças e têm causado grandes mudanças em suas brincadeiras. Diferente da boneca, bola e peão, que permitem a criatividade e inúmeras possibilidades no brincar, os brinquedos tecnológicos direcionam o lúdico; são repletos de regras que condicionam a brincadeira e, muitas vezes, privam as crianças da exploração do ambiente e de tantos benefícios que o brincar livre possui. Ao utilizar um jogo virtual em um celular, a criança se depara com um desafio lançado pelo jogo e precisa vencê-lo segundo as possibilidades e regras que cercam esse jogo, especialmente; não existe uma possibilidade diferente da imposta, e apesar de inserir a criança no mundo tecnológico como algo positivo, o priva da criatividade e resolução dos próprios problemas (CHAVES, 2013).

Como colocado no Gráfico 2, muitas crianças, quando questionadas responderam que seu brinquedo favorito era a boneca, mas percebeu-se que a maioria não tinha uma em casa e relatou utilizar a da prima ou da amiga. Essa resposta se deu do desejo em ter o brinquedo e não em já possuí-lo e utilizá-lo em seu brincar.

Para Piaget (2003), quando a criança brinca de boneca, ela “refaz sua própria vida, corrigindo-a à sua maneira, e revive todos os prazeres ou conflitos, resolvendo-os, compensando-os, ou seja, completando a realidade através da ficção”.

As bonecas estão presentes nas mais antigas e diversas sociedades, independentemente de suas culturas. São brinquedos que refletem as relações culturais, políticas e econômicas da sociedade e representam o conceito que a sociedade tem de infância. Inicialmente, objetos com características humanas eram produzidos com intuito religioso apenas (estatuetas). Com a mudança no olhar sobre a infância, as bonecas começaram a ser produzidas como brinquedos que permitiam a recriação de situações cotidianas, o faz de conta e a criatividade das crianças no brincar (CECHIN e SILVA, 2012)

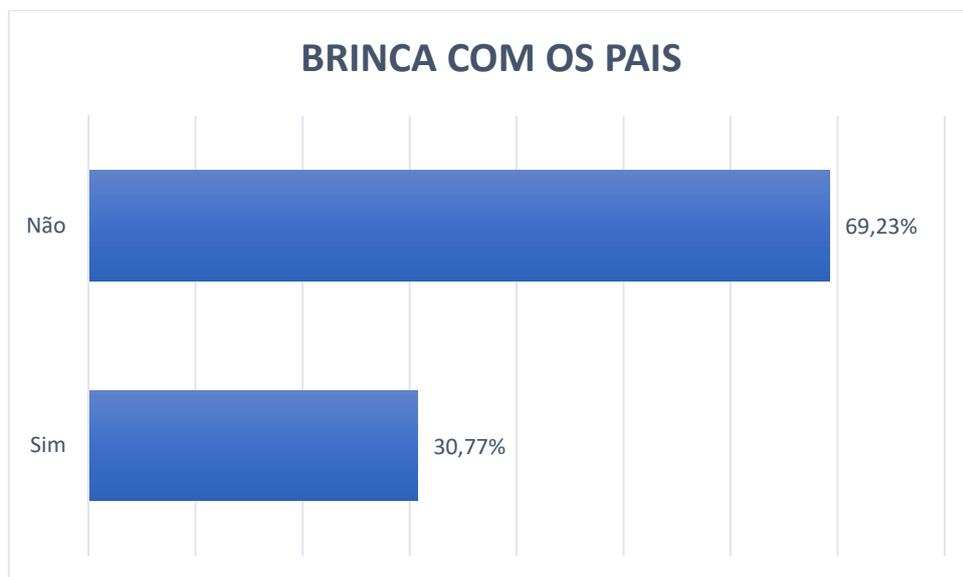
Inicialmente produzidas de forma artesanal, apenas com o acontecimento da Revolução Industrial na Europa do século XVIII é que as bonecas começaram a ser produzidas em larga escala destinadas às crianças. No século XX surgiram ainda três categorias de bonecas: boneca bebê, boneca manequim e figuras de ação. As bonecas bebês surgiram com a proposta de representar a criança de forma mais realista e simbolizar a maternidade, permitindo e incentivando o afeto e cuidado por parte dos brincantes. A boneca manequim já traz uma outra proposta que tem como foco a adolescência e o universo que envolve essa fase; as bonecas têm corpos de adultas e utilizam maquiagem e acessórios da moda. Já as figuras de ação são os chamados “bonecos de meninos” que representam super-heróis, soldados e outras figuras que simbolizam força e poder (CRUZ, 2011).

A boneca ainda é vista como um brinquedo popular e, por isso, muito desejado entre as crianças. Foi possível perceber a afinidade que as crianças de Jamary têm com esse brinquedo e o desejo que nutrem em tê-lo, nas suas diversas modalidades, brincadas por elas no contexto doméstico, quando com a boneca bebê, no faz de conta de um mundo mais adolescente ou adulto, com as bonecas manequins e no universo de aventuras, com as figuras de ação.

Souza (2014) faz uma revisão sobre o brinquedo e afirma que seu surgimento data de 4 mil anos a.C. e muitos se mantêm inalterados até os dias atuais, como a bola e o balanço. A história do brinquedo chega a se confundir com a do próprio homem. As miniaturas eram criadas como objetos de satisfação. Inicialmente confeccionados por marceneiros, funileiros e confeitores (responsáveis por bonecos de madeira, de açúcar e de chumbo) com sobras de materiais, com o advento da industrialização começaram a ser produzidos em tamanho maior, perdendo aos poucos a característica de minúsculos e agradáveis.

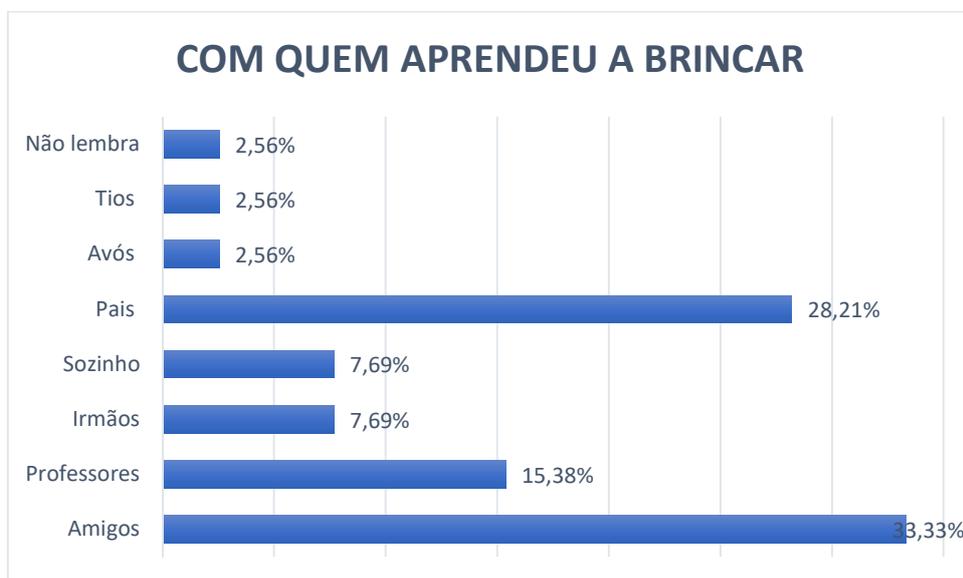
O ato de confecção dos brinquedos aproximava pais e filhos e tinha estreita relação com o contexto familiar, coisa que se perdeu com o tempo e o avanço tecnológico na indústria infantil (SOUZA, 2014). Essa descoberta traz à tona um outro questionamento levantado nas entrevistas que foi o brincar ou não com os pais, e com quem as crianças aprenderam as brincadeiras.

Gráfico 3. Crianças que dizem brincar com os pais ou não.



Fonte: GOMES, 2017. Arquivo pessoal.

Gráfico 4. Quantitativo de com quem as crianças aprenderam as brincadeiras que mais gostam.



Fonte: GOMES, 2017. Arquivo pessoal.

A maioria das crianças em Jamary relatou não brincar com os pais, como é possível perceber no Gráfico 3, porém, muitas que responderam não brincar com os pais, dizem que foi com eles que aprenderam as brincadeiras. Percebe-se que apesar da maioria das crianças não brincar com os pais, e isso foi constatado através das entrevistas e da convivência na comunidade, pessoas mais velhas como tios, professores e avós, foram suas referências em

aprender certas brincadeiras e reproduzi-las, passando esse conhecimento adiante ainda para os irmãos e colegas mais novos (Gráfico 4).

“Minha brincadeira preferida é de cavalo, (...) aprendi com Lucas e o Lucas aprendeu com o pai dele e o avô. É o cavalo de espinho, tira na tucunzeira.”

Uma brincadeira considerada antiga na comunidade que é a de cavaleiro, com cavalo de palmeira de tucum, foi passada de geração em geração e até hoje se faz presente em Jamary.

O brincar entre pais e filhos é uma oportunidade de repassar conhecimento baseado na experiência vivida pelos pais e de discussão de assuntos não tratados na escola e que precisam ser conversados com as crianças, além de proporcionar a interação que resulta em afeto, reconhecimento e cumplicidade (BORGES, 2008).

O brincar com os pais acontece naturalmente desde os primeiros meses de vida quando a criança se diverte apenas olhando para o rosto da mãe ou começa a achar superinteressante suas expressões faciais. Essa relação faz parte do desenvolvimento infantil e permite que desde muito cedo, a criança tenha contato com o universo cultural em que se insere e internalize conhecimentos a esse respeito (BORGES, 2008).

Figura 12. Criança brincando de cavaleiro.



Fonte: GOMES, 2017. Arquivo pessoal.

Em Jamary, apesar do relato de não brincarem com os pais, a convivência lúdica acontece, mesmo que imperceptível a crianças e pais. Quando tocam e dançam o Tambor de Crioula, por exemplo, crianças e adultos se envolvem no mesmo mundo, interagem, desenvolvem vínculo e passam conhecimento próprio da comunidade. Assim em outras atividades desenvolvidas em conjunto, como o futebol e até mesmo no entrançar de cabelos entre crianças, adolescentes e adultos, são construídos vínculos e aprendidos costumes.

Além do conhecimento passado entre as gerações da comunidade, primos e amigos que viajam nas férias para outras cidades e outras comunidades também aprendem novas brincadeiras e trazem novos costumes para o brincar de Jamary. As brincadeiras desenvolvidas ali não se encontram estagnadas no tempo, mas estão em constante mudança, aperfeiçoamento e crescimento em número e diversidade, refletindo além dos costumes de Jamary, costumes de outros locais e dos avanços tecnológicos do País.

Essas brincadeiras citadas até aqui acontecem em diversos cenários na comunidade e essa questão também foi observada e questionada aos participantes da pesquisa, com os seguintes resultados:

As crianças em Jamary têm livre acesso aos espaços públicos, mas muitas responderam que o local preferido para brincar é em casa, com o maior quantitativo de respostas, sendo seguida por brincar no campo de futebol, e logo depois o quintal e casa de amigos.

Gráfico 5. Locais escolhidos como os preferidos para brincar



Fonte: GOMES, 2017. Arquivo pessoal.

É importante lembrar que a comunidade de Jamary dos Pretos se encontra em uma zona rural rodeada por mata, rios e descampados; então, mesmo quando a criança opta por brincar dentro de casa, ela tem acesso direto às ruas de Jamary, a animais que convivem passivamente com os habitantes locais e a elementos naturais que fazem parte do brincar dentro e fora de casa.

Menos falado, mas que merece destaque nesta análise foi o brincar no “mato”. São clareiras em meio à mata, cercada por grama e que permite a criação de casinhas e outros cenários de faz de conta desenvolvidos por elas. Neste local as crianças brincam utilizando elementos da natureza como recurso, em contato e interação com animais e com o espaço.

O contato com a natureza traz benefícios cognitivos, sociais, físicos e psicológicos com influência direta no desenvolvimento infantil. O ambiente natural dá a oportunidade de desempenhar um leque de brincadeiras e usar a imaginação e criatividade. Segundo Machado, Peres, Albuquerque e Kuhnen (2016) espaços com natureza são os que as crianças mais gostam e utilizam devido às emoções vivenciadas nesses lugares ou por estarem fora da supervisão dos pais e com maior liberdade de criação. Os elementos da natureza são utilizados no brincar proporcionando, além de atividades físicas como correr, pular, subir, descer e se esconder, atividades construtivas com areia e pedras; sensoriais com diversas texturas encontradas no ambiente e de faz de conta com os achados naturais.

Além destes benefícios, o contato com áreas verdes tem efeito restaurador da atividade cognitiva e permite, ainda, conhecimento e descoberta sobre ecologia (MACHADO, PERES, ALBUQUERQUE E KUHNEN, 2016).

Figura 13. Criança mostrando o “mato”.



Fonte: GOMES, 2017. Arquivo pessoal.

As crianças de Jamary brincam de muitas brincadeiras semelhantes dentro e fora de casa, que se diferenciam apenas pela sua performance. Dentro de casa ou da escola, as crianças estão sob olhar de outros, então, sua atuação simbólica tende a ser mais contida; os papéis são desempenhados com liberdade, mas com certos cuidados. É preciso falar mais baixo para não acordar o irmão menor ou atrapalhar a aula da turma que ainda não saiu, o espaço para construção da casinha é limitado, as imitações dos adultos têm que ser contidas pois eles podem ver e não gostar. Assim, tudo isso limita, de certo modo, a expressão infantil. Ao brincar da mesma brincadeira em espaço aberto, a criança tem lugar e oportunidade para se expressar sem

limites, sendo vista apenas por seus iguais, e é quando elas atuam mais naturalmente e dão o seu melhor.

O brincar em espaços abertos traz ainda o empoderamento da criança, seja ela menino ou menina, pois as possibilidades e desafios são os mesmos, independentemente do gênero, e meninos e meninas podem ser super-heróis, caçadores ou acrobatas; sobem e descem de árvores, saltam, escalam e enfrentam desafios dignos de verdadeiras aventuras.

Nas entrevistas, foi possível perceber, ainda, a ligação das crianças com a comunidade através de suas falas e expressões. Quando questionadas sobre onde gostam de brincar, uma das crianças trouxe a seguinte fala:

“Meu lugar preferido? Meu lugar preferido é o Jamary. Eu amo o Jamary.”

Tuan (1980) em seu livro ‘Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do Meio Ambiente’ trata do elo afetivo entre a pessoa e o lugar. Esse amor ao lugar se apresenta de diversas formas e de diversas intensidades; algumas vezes pelo prazer em admirá-lo, o prazer em ter contato físico com o ambiente, apego ao lugar por ser familiar, porque é o lar e representa o passado, porque evoca orgulho de posse ou de criação ou por despertar alegrias. Em Jamary, é possível dizer que o amor à comunidade existe por todos esses motivos.

Embora a ideia de quilombola ainda não seja facilmente entendida pelas crianças, elas demonstram um sentimento de orgulho em dizer que são quilombolas e que vivem no Jamary. A sensação de devoção ao lugar é transmitida na fala e nas expressões faciais das crianças quando questionadas sobre Jamary e gostar ou não de viver ali. Ao falar de ancestrais que marcaram a comunidade é comum ouvir falas como:

“Severa Mafra? Ah, ela foi uma lutadora, uma heroína, uma grande mulher de Jamary.”

Embora a criança autora dessa frase não saiba dizer porque Severa Mafra foi uma heroína, o respeito e devoção por essa ancestral é evidente e se liga ao amor que todas demonstram pelo lugar.

As brincadeiras de Jamary, a ligação com o lugar e os costumes locais, são passados de geração em geração, entre pais e filhos e entre irmãos mais velhos e caçulas, e preservam tantos costumes locais que resistem aos avanços do País e as influências vindas de tantos lugares.

Como este, dois trabalhos foram encontrados com temática semelhante à aqui pesquisada: O de Pojo e Barreto (2015) e o de Nascimento (2014) que serviram por base na discussão deste trabalho. Embora ambos os trabalhos tenham sido desenvolvidos em outro local de pesquisa, são do Estado do Pará, muito próximo geograficamente de Jamary dos Pretos e com algumas semelhanças em seus achados que servirão para comparação dos dados.

Pojo e Barreto (2015) encontraram em sua pesquisa, em Abaetuba - PA, crianças quilombolas que brincam em casa e no quintal, no campo de futebol, casa dos vizinhos, espaços abertos da comunidade, trilha no mato, árvores e rios, além da escola, assim como o encontrado nessa pesquisa. Da mesma forma, as crianças brincam em grupos grandes e pequenos onde socializam, compartilham experiências, e o aprendizado das brincadeiras passa dos mais velhos aos mais novos. Perceberam que a relação entre adultos e crianças era estreita, embora muitas vezes não brincassem juntos, mas a experiência cotidiana do trabalho em que crianças ajudam os pais e atividades culturais com espaço para participação de adultos e crianças, estreita laços e permite que os costumes da comunidade quilombola transcenda gerações e se manifeste, inclusive, no brincar.

Dentre as brincadeiras preferidas listadas na pesquisa de Pojo e Barreto (2015), seis delas coincidem com as brincadas em Jamary. São elas: futebol, bandeirinha, queimada, pira-esconde, amarelinha e pira alta.

Nascimento (2014), que teve como campo de sua pesquisa a comunidade de Campo Verde – PA, encontrou brinquedos industrializados, como boneca, bola, animais de pelúcia e de plástico, carro, peteca, espingarda e apito; além destes, brinquedos fabricados pelas próprias crianças também foram encontrados. As brincadeiras foram percebidas de duas formas: através da observação da pesquisadora e através das entrevistas. Dentre as brincadeiras observadas, chamam a atenção desafios feitos pelas crianças no ambiente natural, como ficar mais tempo dentro da água, pular no rio e subir em árvores; já entre as respondidas nas entrevistas, futebol, pira alta, pira-esconde, boneca, queimada e pira garrafa, estão entre as mais citadas.

As crianças de Campo Verde – PA, quando questionadas sobre onde brincam trouxeram as seguintes respostas: o campo de futebol, o ramal, o terreiro da casa ou o terreiro dos outros, no mato, no retiro da avó, na casinha velha, na escola, debaixo das árvores, embaixo de uma barraca, na sede e no rio.

Nas duas pesquisas mencionadas e nesta, resultados semelhantes foram encontrados. Levando em consideração que todos os três espaços pesquisados são de ambiente rural e permitem às crianças um contato íntimo com a natureza e animais, é esperado que os locais de brincar sejam semelhantes e isto desperte nesses três tipos de crianças, aprendizados sobre convivência social, ecologia, costumes e cultura da comunidade em que vivem; esperado também é que essa interação sirva de elo entre os conhecimentos que passam de criança mais velha para criança mais nova e de adultos para crianças.

Como em pesquisas citadas aqui anteriormente, brincadeiras praticadas em Jamary dos Pretos acontecem em outros locais e algumas vezes sofrem pequenas variações na forma de

brincar ou em como são chamadas; mas é permitido pensar que o que as torna elementos únicos de cada comunidade são o universo em que se inserem e os elementos do dia a dia da comunidade quilombola inseridos tão naturalmente no brincar.

5. CONCLUSÃO

Nesta pesquisa, que se divide em inserção no universo quilombola de Jamary dos Pretos e entrevistas com as crianças da comunidade, foi possível experienciar não apenas o brincar de Jamary, mas o cotidiano das famílias que vivem ali. A história de lutas e vitórias está presente em seus dias e conviver com essas pessoas transmite um sentimento de “fazer parte” do todo.

Os objetivos da pesquisa foram perceber como as crianças de Jamary dos Pretos brincam, descrever esse brincar e identificar elementos do cotidiano próprios da comunidade.

A brincadeira preferida na comunidade foi o futebol, citado por meninos e meninas, fazendo jus à predileção nacional; apesar disso, o brinquedo preferido relatado pelas crianças foi a boneca. A colocação da boneca permitiu perceber a força simbólica no brincar das crianças em Jamary dos Pretos, que reproduziam comportamentos observados por adultos no cuidado e tratamento das crianças. Muitas crianças não tinham boneca, mas ainda assim a destacaram como preferida, pelo desejo em possuir o brinquedo.

Nas entrevistas, o local mais citado para brincadeiras foi em casa, porém, pensando na estrutura espacial da comunidade e o que as crianças compreendem como “casa”, foi possível perceber a intensa relação das crianças com o espaço e o ambiente. “Em casa” compreende dentro de casa, no quintal, na frente de casa ou nos arredores, que possibilitavam intenso contato com animais, verde e lugares espaçosos e de terra.

Em sua maioria não brincam com os pais e têm como principal companheiro de atividade lúdica os amigos, com quem socializam e aprendem novos brincares. Apesar desse achado, foi possível constatar que os saberes sobre as brincadeiras são passados de geração em geração, pois crianças mais velhas aprendem dos pais, professores, tios e avós e repassam a crianças mais novas que dividem com seus pares.

Os brincares encontrados em Jamary dos Pretos destacam muito movimento, atividade psicomotora, simbólica e social e refletem um brincar saudável. A saúde e o ambiente estão intimamente ligados durante esse fazer, pois o contato das crianças com o verde e o desenvolvimento criativo de suas brincadeiras favorecem o desenvolvimento saudável e a promoção da saúde infantil.

Em forma de texto, recortes de falas, imagens e reflexões, foi possível transcrever os brincares das crianças de Jamary dos Pretos e como o que é aprendido e observado no dia a dia é demonstrado tão naturalmente por esses indivíduos. Os costumes de Jamary estão impregnados na forma de brincar e a história de Jamary continua a se construir através das crianças.

Os recursos tecnológicos estão cada mais presentes em Jamary dos Pretos; inicialmente a televisão, bastante valorizada por adultos e crianças de Jamary, posteriormente os celulares e jogos virtuais ganham espaço. A influência digital traz benefícios a população, como o acesso a informação, porém acarreta no afastamento do brincar de rua e na interação com o ambiente ocasionando a perda de uma grande riqueza cultural.

Esta pesquisa resultou, ainda, em um livro de brincadeiras quilombolas de Jamary dos Pretos que manterá a salvo as memórias dos brincares de Jamary nos tempos atuais e que servirá de base para professores e futuras gerações de crianças da comunidade, não deixando que esses fazeres se percam com o tempo.

Esse tipo de pesquisa ressalta a importância da comunidade tradicional de descendência negra e indígena, como a quilombola, e como seus costumes devem ser valorizados por eles e pela sociedade maranhense e brasileira, pois é rica em saberes e culturas que muito tem se perdido nos grandes centros urbanos.

Faz parte da história do Brasil o conhecimento popular gerado por descendentes de escravos e é o que tem feito do país um lugar tão único e rico culturalmente. É importante, portanto, manter esse registro.

REFERÊNCIAS

ABREU, I.B.; SOARES, A. M. S.; SILVA, E. P. da; PEREIRA, M. F. A.; LEITE, B. R. C.; CUTRIM, K. D. G.; Resgate cultural das brincadeiras tradicionais maranhenses. In: 63^a Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, 63, 2012, Goiânia. Anais. Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2011.

ALONSO, S. O fazer etnográfico: políticas, mediações e definição de grupos. Em: MAURI, M. M. BLANCO, E. R. (coord.) Intelectuales, mediadores y antropólogos. La traducción y la interpretación de lo global em lo local. Serie, XI Congreso de antropologia de la FAAEE, Donostia, Ankulegi Antropologia Elkartea, p. 15-35. 2008.

ARAUJO, T. D.; SOUSA, J. B. C. de; FEITOSA, A. C. Dinâmica da paisagem na área do povoado quilombola de Jamary dos Pretos, Turiaçú – MA. In: Encontro Nacional dos Geógrafos. Crise, práxis e autonomia: espaços de resistência e de esperanças, 16, 2010, Porto Alegre. Anais. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2010. P. 12.

BARBOSA, A. A. MAGALHÃES, M. das G. S. D. A concepção de infância na visão Philippe Ariès e sua relação com as políticas públicas para a infância. Examãpaku, Roraima, v. 1, n. 1, 2008.

BARBOZA, L., VOLPINI, M. N. O faz de conta: simbólico, representativo ou imaginário. Cadernos de Educação: ensino e sociedade, Bebedouro, v. 2, n. 1, p. 1-12, 2015.

BEAUCHAMP, J. PAGEL, S. D., NASCIMENTO, A. R. do (org.) Ensino fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007.

BIAZOTTO, L. A brincadeira e o desenvolvimento da criança na Educação Infantil. 2014. 31f. Monografia (Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino). Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2014.

BRASIL. Estatuto da Criança e do Adolescente, Câmara dos Deputados, Lei no 8.069, de 13 de julho de 1990.

CASCUDO, L. da C. Dicionário do Folclore Brasileiro 10^o. Ed. São Paulo: Editora Global, 2001.

CHAVES, I. C. G. Tecnologia e infância: um olhar sobre as brincadeiras de criança. 2014. 23 f. Monografia (Licenciatura em Pedagogia) – Universidade Federal de Maringá, Maringá, 2014.

CECHIN, M. B. C., SILVA, T. da, A boneca Barbie na cultura lúdica: brinquedo, infância e subjetivação. *Zero-a-seis*, Florianópolis, v. 14, n. 26, p.20-42, 2012.

CRUZ, M. B.. Bonecas, diversidade e inclusão: brincando com as diferenças. *Rev. psicopedag.* São Paulo, v. 28, n. 85, p. 41-52, 2011.

Dicionário do Aurélio. Disponível em: <<https://dicionariodoaurelio.com/pira>>. Acesso em: 13 de dezembro de 2017.

Diretório de empresas na econodata. Associação rural de moradores do quilombo Jamari dos Pretos. Disponível em: <http://www.econodata.com.br/lista-empresas/MARANHAO/TURIACU/A/00186217000138-ASSOCIACAO-RURAL-DE-MORADORES-DO-QUILOMBO-JAMARI-DOS-PRETOS>. Acesso em: 14/11/2017.

FERLAND, F. O Modelo Lúdico. O brincar, a criança com deficiência e a Terapia Ocupacional. 3 ed. São Paulo Roca, 2007.

FERRETI, M. Tambor de mina e umbanda: o culto aos caboclos no Maranhão. *Jornal do CEUCAB-RS: O Triângulo Sagrado*, Ano III, n. 39, 1996.

FIABANI, A. Os quilombos contemporâneos maranhenses e a luta pela terra. *Estúdios Históricos – CDHRP*, n. 2., 19 p., 2009.

FIGUEIREDO, M. et al . Representações de vinculação e qualidade do brincar interativo em crianças em idade pré-escolar. *Aná. Psicológica*, Lisboa , v. 33, n. 3, p. 335-345, set. 2015.

Freud, S. (1905). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. (pp. 119-229). In: S. Freud (1996). *Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud. Vol. XVII*. Rio de Janeiro: Imago.

FULGENCIO, L. O brincar como modelo do método de tratamento psicanalítico. *Rev. bras. psicanál.* São Paulo , v. 42, n. 1, p. 123-136, mar. 2008.

FUNDAÇÃO CULTURAL PALAMRES. Quadro Geral de Comunidades Remanescentes de Quilombos (CRQs), 2016. Disponível em: <http://www.palmares.gov.br/wp-content/uploads/2016/06/QUADRO-RESUMO.pdf>. Acesso em: 23/10/2016.

GONÇALVES, R. P. Jogos e brincadeiras e o desenvolvimento motor na educação infantil. 2016. 26 f. Monografia (Licenciatura em Educação Física) – Faculdade de Ciências da Educação e Saúde Centro Universitário de Brasília – UniCEUB, Brasília, 2016.

HENICK, A. C. FARIA, P. M. F. de., História da infância no Brasil, In: EDUCERE Congresso Nacional de Educação, 13, 2015, Curitiba, Anais de Congresso, 2015, 25824 – 25834.

LIMA, C. M. (org), Protagonismo Quilombola: Na luta por saúde e direitos sociais. Rio de Janeiro, FIOCRUZ, 2016. 144p.

MACHADO, Y. S. PERES, P. M. S. ALBUQUERQUE, D. da S. KUHNEN, A. Brincadeiras infantis e natureza: investigação da interação criança-natureza em parques verdes urbanos. Temas em Psicologia, Florianópolis, v. 24, n. 2, p. 655-667, 2016.

MANZINI, E. J. Entrevista Semiestruturada: Análise de Objetivos e de Roteiros. Depto de Educação Especial do Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual São Paulo (UNESP), Marília, SP. 2004. Disponível em:[<http://www.sepq.org.br/Isipeq/anais/pdf/gt3/04.pdf>]; acesso em 15.05.17.

MARQUES, R. de L.; BICHARA, I. D. Em cada lugar um brincar: reflexão evolucionista sobre universalidade e diversidade. Estud. psicol. (Campinas), Campinas, v.28, n.3, p. 381-388, 2011.

MARTINS, E. SZYMANSKI, H. Brincando de casinha: significado de família para crianças institucionalizadas. Estudos de Psicologia, São Paulo, v. 9, n. 1, p. 177-187, 2004.

MEIRELES, R. (org), O território do Brincar: diálogos com escolas. São Paulo, Instituto Alana, 2015. 108p.

MESOMO LIRA, A.C, Brinquedo: história, cultura, indústria e educação. Atos de Pesquisa em Educação, Guarapuava, v. 4, n. 3, p. 507-525. Set./dez. 2009.

MÓNICO, L. S. ALFERES, V. R. CASTRO, P. A. PARREIRA, P. M. A observação participante enquanto metodologia de investigação qualitativa. Investigação qualitativa em ciências sociais, n. 3, p. 724-733. 2017.

MORAES, R. Análise de conteúdo. *Revista Educação*, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999

NASCIMENTO, S. S. do, Saberes, brinquedos e brincadeiras: vivências lúdicas de crianças da comunidade quilombola Campo Verde/PA. 2014. 167 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2014.

NIEHUES, M. R., COSTA, M. de O. Concepções de Infância ao Longo da História. Ver. Técnico Científica (IFSC), Santa Catarina, v. 3, n. 1, p. 284-289. 2012.

OLIVEIRA, F. Geohistória de Turiaçu. Disponível em: <https://plus.google.com/+FlaveiltonOliveira/posts/GEGxQW9ky4K>. Postado em: 28/06/2017. Acesso em: 09/02/2018.

ONU. Declaração Universal dos Direitos Humanos. Disponível em: http://www.onu-brasil.org.br/documentos_direitoshumanos.php Acesso em 10/12/2017.

O'Dwyer, E. C (org.). Quilombos: identidade étnica e territorialidade. Rio de Janeiro: FGV, 2002.

PIAGET, J. Seis estudos de psicologia. 24. ed. Rio de Janeiro: Forense, 2003.

PINHEIRO, M.R.D. LIRA, J.R.DAS. ARAÚJO, M.S. O turismo cultural na comunidade quilombola de Jamarý dos Pretos – MA. In: Reunião Anual da SBPC, 65, 2013, Recife. Anais. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2013.

PROJETO VIDA DE NEGRO. Jamarý dos Pretos Terra de Mocambeiros. Coleção Negro Cosme Vol. II, São Luís-MA: SMDH/CCN-MA/PVN 1998

PAPALIA, D. E.; FELDMAN, R. D. Desenvolvimento humano. 12. ed. Porto Alegre: AMGH, 2013.

POJO, E. C., BARRETO, J. F. Cultura, cotidiano quilombola e o brincar de crianças ribeirinhas de Abaetetuba – PA, Abaetetuba, v. 9, n. 12, p. 312 – 331, 2015.

RABELLO, E.T. e PASSOS, J. S. Erikson e a teoria psicossocial do desenvolvimento. Disponível em <<http://www.josesilveira.com>> no dia 28 de set de 2017

RAPPAPORT, C.R. Modelo piagetiano. In RAPPAPORT; FIORI; DAVIS. Teorias do Desenvolvimento: conceitos fundamentais - Vol. 1. EPU, ? : 1981. p. 51-75

RICHARDSON, R. J. (1985). Pesquisa Social: Métodos e Técnicas. 3 ed. São Paulo: Editora Atlas S. A., 2014. 336 p.

ROCHA, A L C da. Etnografia: saberes e práticas. In: PINTO, C. R. J. GUAZZELLI, C. A. B. (Ed.). Ciências Humanas: pesquisas e métodos. Porto Alegre: Editora da Universidade, 2008.

RODRIGUES, L. M. A criança e o brincar. 2009. 43 f. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Mesquita, 2009.

RODRIGUES, T. C. S. ; SOUZA, U. D. V. de ; FEITOSA, A. C. . Caracterização socioambiental da comunidade Jarmy dos Pretos Turiaçu - Maranhão.. In: XIII Simpósio Brasileiro de Geografia Física Aplicada, 2009, Viçosa. XIII Simpósio Brasileiro de Geografia Física Aplicada, 2009.

RODRIGUES, T. C. S.; VIEGAS, J. D. C., SOUZA, U. V. Geografía física, riesgos socioambientales y cambio climático. Revista geográfica de américa central, v. 2, 2011, p. 1-13

ROMEU, G. Mapa do brincar. Disponível em: <http://mapadobrincar.folha.com.br/projeto/>. Acesso em: 27/12/2017.

SA, M. das G. C. S. de; SIQUARA, Z. O.; CHICON, J. F. Representação simbólica e linguagem de uma criança com autismo no ato de brincar. Rev. Bras. Ciênc. Esporte, Porto Alegre , v. 37, n. 4, p. 355-361, Dec. 2015 .

SANTOS, G. M. O.; ARAGÃO, M. S. S. Um saber semioticamente construído: a visão de mundo no léxico do Quilombo Jarmy dos Pretos - Turiaçu/MA. 2013. 202 f. Tese (Doutorado em Linguística), Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2013.

SANTOS, L.G. dos, A importância do brincar para o desenvolvimento cognitivo da criança na educação infantil pré-escolar sob a percepção de professores. Projeção e Docência, Brasília, v. 7, n. 2, p. 23-34, 2016.

SILVA, A. C. P. da. Quilombo Jamary dos Pretos. Terras de Quilombos, Belo Horizonte: FAFICH, 2015. 16p.

SILVA, D. F. da, A importância da prática do futebol no processo de desenvolvimento social das crianças. 2015. 47 f. Monografia (Bacharelado em Educação Física) – Universidade Federal Tecnológica do Paraná, Curitiba. 2015.

SLOBODA, C. L. A importância das cantigas de rodas na educação infantil. WebArtigos. 20 de Abril de 2017. Disponível em: <https://www.webartigos.com/artigos/a-importancia-das-cantigas-de-roda-na-educacao-infantil/150771>. Acesso em: 27/12/2017.

SOUZA, J. M. de, VERÍSSIMO, M.L.Ó.R. Desenvolvimento infantil: análise de um novo conceito. Rev. Latino-Am. Enfermagem, São Paulo, v. 36, n. 6, p. 1097-104. Nov./dez. 2015.

SOUZA, L. R. de, O brinquedo na educação infantil: algumas reflexões do uso do brinquedo à luz da sociedade disciplinar Foucaultiana. 2014. 139 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2014.

SOUZA, C, CUTRIM, I.G. A construção discursiva das identidades quilombolas em Jamary dos Pretos – Turiaçu-MA. In: Reunião Annual da SBPC, 64, 2012, São Luís. Anais. São Luís: Universidade Federal do Maranhão, 2012.

TUAN, Y. Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: DIFEL, 1980.

VARGA, I. V. D.; CARDOSO, R. L. S. Controle da Hipertensão arterial sistêmica na população negra no Maranhão: problemas e desafios. *Saúde Soc*, São Paulo, v. 25, n. 3, p. 664-671, 2016.

VENDRUSCOLO, J. F.; SOUZA, A. P. R. de. Intersubjetividade no olhar interdisciplinar sobre o brincar e a linguagem de sujeitos com risco psíquico. Rev. CEFAC, São Paulo, v. 17, n. 3, p. 707-719, June 2015

VERNA, O. M. A bola feita mundo ou a produção de informação cultural na imprensa sobre o futebol: o caso do jornal Lance, 1999, 178 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1999.

VYGOTSKY, L. S. A formação social da mente. Tradução José Cipolla Neto, Luís Silveira Menna Barreto, Solange Castro Afeche. São Paulo: Martins Fontes, 1984

WAJSKOP, G. Linguagem Oral e Brincadeira Letrada nas Creches. Educ. Real., Porto Alegre, v. 42, n. 4, p. 1355-1374, Dec. 2017.

WINNICOTT, D. W. (1975). Jeu et réalité: l' espace potential. Paris: Gallimard.

ANEXO
ANEXO A

Parecer consubstanciado do Comitê de Ética em Pesquisa

UFMA - UNIVERSIDADE
FEDERAL DO MARANHÃO



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: COMO BRINCAM AS CRIANÇAS DA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE JAMARY DOS PRETOS EM TURIUAÇU - MARANHÃO

Pesquisador: NAYRA REJANE ROLIM GOMES

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 64872516.6.0000.5087

Instituição Proponente: FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.183.036

Apresentação do Projeto:

A cultura é um determinante ambiental do comportamento, assim sendo, tem influência no brincar das crianças inseridas em um meio social. Crianças que vivem em comunidades remanescentes de quilombo tem grande influência cultural e que reflete em seu comportamento, inclusive na forma como brincam ou brincavam. Sabendo disso, pretende-se realizar um estudo de cunho etnográfico para a percepção de "Como brincam as crianças da comunidade de Jamary dos Pretos brincam", ressaltando a importância da diversidade cultural no sujeito brincante. Para o levantamento de dados será utilizado a observação participante característica da pesquisa etnográfica e a entrevista semiestruturada segundo roteiro de pesquisa. Ocorrerá na comunidade de Jamary dos Pretos, localizada no município de Turiuaçu – MA envolvendo crianças na faixa etária de 7 a 12 anos. A análise dos dados será feita utilizando o método quantitativo e qualitativo de Análise de Conteúdo para categorizar, descrever e interpretar o brincar das crianças quilombolas. Esta pesquisa beneficiará a comunidade quilombola de Jamary dos Pretos através dos registros que valorizarão cultura e costumes da comunidade, resgatando como brincam as crianças que ali vivem e ressaltando a importância da diversidade cultural no sujeito brincante.

Endereço: Avenida dos Portugueses, 1068 CEB Velho
 Bairro: Bloco C, Sala 7, Comitê de Ética CEP: 65.080-040
 UF: MA Município: SÃO LUÍS
 Telefone: (98)3272-8708 Fax: (98)3272-8708 E-mail: cepufma@ufma.br

UFMA - UNIVERSIDADE
FEDERAL DO MARANHÃO



Continuação do Parecer: 2.102.038

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

- Perceber o brincar das crianças da Comunidade Quilombola de Jamary dos Pretos.

Objetivo Secundário:

- Descrever o brincar das crianças da comunidade quilombola de Jamary dos pretos. • Identificar elementos culturais próprios da comunidade, durante o brincar das crianças quilombolas.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

O presente estudo acarreta baixo risco aos participantes. Caracteriza-se como risco a divulgação de imagens previamente a conclusão da pesquisa, porém minimiza-se este risco através do compromisso dos pesquisadores envolvidos no estudo, com a pesquisa e resultados, e termo de consentimento livre e esclarecido que consta com assinatura dos pesquisadores e dos responsáveis pelas crianças autorizando a pesquisa, onde

esclarece o uso das imagens apenas na divulgação dos resultados do estudo em questão.

Benefícios:

Esta pesquisa beneficiará a comunidade quilombola de Jamary dos Pretos através dos registros que valorizarão cultura e costumes da comunidade, resgatando como brincam as crianças que ali vivem e ressaltando a importância da diversidade cultural no sujeito brincante. De forma direta a população pesquisada, o desenvolvimento e conclusão deste trabalho trará às crianças a consciência do valor cultural em ser remanescente de quilombo e incentivará o orgulho de seus costumes herdados.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisa esta bem elaborada e com todos os elementos necessários ao seu pleno desenvolvimento.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Todos os termos de apresentação obrigatórios foram entregues e estão de acordo com a resolução 466/12 do CNS.

Recomendações:

Não existem recomendações.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Todas as pendências foram acatadas e corrigidas pela pesquisadora e estão de acordo com a

Endereço: Avenida dos Portugueses, 1066 CEB Velho
Bairro: Bloco C, Sala 7, Comitê de Ética CEP: 65.080-040
UF: MA Município: SAO LUIS
Telefone: (98)3272-8708 Fax: (98)3272-8708 E-mail: cepufma@ufma.br

**UFMA - UNIVERSIDADE
FEDERAL DO MARANHÃO**



Continuação do Parecer: 2.103.036

resolução 456/12 do CNS.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB INFORMACÖES BÁSICAS_DO_PROJETO_815275.pdf	20/05/2017 23:45:25		Aceito
Recurso Anexado pelo Pesquisador	RESPOSTA_A_PARECER_DE_PENDENCIAS.docx	20/05/2017 23:44:46	NAYRA REJANE ROLIM GOMES	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	DECLARACAO_DE_LIBERACAO_DO_LOCAL_DA_PESQUISA.pdf	20/05/2017 23:42:14	NAYRA REJANE ROLIM GOMES	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TERMO_DE_ASSENTIMENTO.docx	20/05/2017 23:41:42	NAYRA REJANE ROLIM GOMES	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TERMO_DE_CONSENTIMENTO_LIVRE_E_ESCLARECIDO_WORD.docx	20/05/2017 23:41:24	NAYRA REJANE ROLIM GOMES	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO_PPGSA_PDF.pdf	20/05/2017 23:41:03	NAYRA REJANE ROLIM GOMES	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO_PPGSA_WORD.docx	20/05/2017 23:40:44	NAYRA REJANE ROLIM GOMES	Aceito
Folha de Rosto	FOLHA_DE_ROSTO.pdf	18/11/2016 22:51:57	NAYRA REJANE ROLIM GOMES	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

SAO LUIS, 24 de Julho de 2017

Assinado por:
Flávia Castello Branco Vidal Cabral
(Coordenador)

Endereço: Avenida das Portuguesas, 1066 CEB Velho
 Bairro: Bloco C, Sala 7, Comitê de Ética CEP: 65.080-040
 UF: MA Município: SAO LUIS
 Telefone: (08)3272-8708 Fax: (08)3272-8708 E-mail: cepufma@ufma.br

APÊNDICES

Apêndice A

Roteiro para entrevista semiestruturada da pesquisa “COMO BRINCAM AS CRIANÇAS DA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE JAMARY DOS PRETOS – TURIAÇU – MA”

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Nome (apenas para organização de dados. Não será divulgado em nenhuma hipótese):

Nome dos pais ou responsáveis:

Idade:

Sexo: () Feminino () Masculino

Série que está cursando:

Número de Irmãos:

ENTREVISTA

- De que você gosta de brincar? Como brinca?
- Qual sua brincadeira favorita? Como brinca?
- Qual seu brinquedo favorito? Você tem? Quem te deu?
- Com quem você brinca?
- Você brinca com seus pais? De quê?
- Onde você brinca?
- Onde você gosta mais de brincar?
- Com quem você aprendeu a brincadeira?

Apêndice B

TERMO DE ASSENTIMENTO

Você está sendo convidado a participar da pesquisa **“COMO BRINCAM AS CRIANÇAS DA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE JAMARY DOS PRETOS NO MUNICÍPIO DE TURIÁÇU – MA”**. Nesta pesquisa vamos **observar como brincam as crianças da comunidade quilombola de Jamary dos Pretos em Turiáçu – Maranhão, e encontrar coisas que têm a ver com a cultura, durante as brincadeiras.**

Esta pesquisa será boa para a comunidade de Jamary dos Pretos porque vai mostrar como a cultura de vocês é importante e como vocês brincam. Para as crianças será boa porque aprenderão que é bom e importante ser quilombola e terão orgulho de serem quem são.

A pesquisa vai ser feita com perguntas sobre como é a brincadeira e tirando fotos e gravando vídeos das crianças brincando.

Para participar desta pesquisa você não vai gastar nada e nem receber nada, mesmo assim, se acontecer alguma coisa que prejudique você, nós resolveremos isso. Você só vai participar da pesquisa se quiser. Se, enquanto estivermos fazendo a pesquisa, você desistir de participar, poderá sair a hora que quiser e não haverá problema.

Quando a pesquisa acabar, você vai poder ver todos os resultados a hora que quiser, inclusive as fotos e vídeos.

Seus pais também sabem sobre a pesquisa e você só poderá participar se eles concordarem. Assinando este papel, você está confirmando que quer participar da pesquisa.

Você vai receber um papel igual a este e guardar na sua casa, e o pesquisador guardará um também.

Eu, _____ (seu nome), li este termo de assentimento e quero participar da pesquisa. Tenho permissão dos meus pais para participar.

Em: ____/____/____

Criança

Pesquisador

Apêndice C

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO*Aos pais ou responsáveis das crianças envolvidas na pesquisa*

O menor _____, sob sua responsabilidade, está sendo convidado (a) como voluntário (a) a participar da pesquisa **“COMO BRINCAM AS CRIANÇAS DA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE JAMARY DOS PRETOS NO MUNICÍPIO DE TURIANÇA – MA”**. Nesta pesquisa, pretendemos **fazer uma observação de como brincam as crianças da comunidade quilombola de Jamary dos Pretos em Turiaçu – Maranhão, destacando elementos culturais da comunidade, durante as brincadeiras.**

Para esta pesquisa adotaremos o(s) seguinte(s) procedimento(s): **entrevistas com as crianças sobre a brincadeira e observação e registro dos brincares.**

Para participar desta pesquisa, o menor sob sua responsabilidade não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Apesar disso, caso sejam identificados e comprovados danos provenientes desta pesquisa, ele tem assegurado o direito à indenização. Ele será esclarecido (a) em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se a participar. O (A) Sr. (a), como responsável pelo menor, poderá retirar seu consentimento ou interromper a participação dele a qualquer momento. A participação dele é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade. A pesquisa em questão acarreta baixo risco e desconforto aos participantes, porém pode causar constrangimento por estar sendo fotografado ou filmado. Caso isso aconteça, as imagens e gravações serão suspensas imediatamente e apagadas da câmera na presença dos pais e excluídas da pesquisa. Pais e crianças serão acompanhados por profissional da saúde durante a pesquisa ou mesmo após a pesquisa, caso sintam necessidade devido a algum constrangimento sentido no período do levantamento de dados.

Esta pesquisa beneficiará a comunidade quilombola de Jamary dos Pretos através dos registros que valorizarão cultura e costumes da comunidade, resgatando como brincam as crianças que ali vivem e ressaltando a importância da diversidade cultural no sujeito brincante. O desenvolvimento e conclusão deste trabalho trará às crianças a consciência do valor cultural em ser remanescente de quilombo e incentivará o orgulho de seus costumes herdados.

Os resultados estarão à sua disposição quando finalizada. O nome ou o material que indique a participação do menor não será liberado sem a sua permissão. Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável, por um período de 5(cinco) anos, e após esse tempo serão destruídos. Durante e após a pesquisa o sigilo e a privacidade dos participantes serão cuidadosamente mantidos.

Caso haja algum dano durante a pesquisa, será ressarcido pela responsável pelo estudo.

A pesquisadora compromete-se a publicar os resultados do trabalho, mesmo que desfavoráveis ou diferentes do que se espera encontrar.

Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias originais, sendo que uma será arquivada pelo pesquisador responsável, no programa de pós-graduação em Saúde e Ambiente da Universidade Federal do Maranhão e a outra será fornecida ao Sr. (a).

Eu, _____, responsável pela criança, _____, autorizo a participação na pesquisa “Como brincam as crianças da comunidade Quilombola de Jamary dos Pretos em Turiaçu – Maranhão”, estando ciente de todas as informações sobre o projeto. Autorizo o uso de imagem e a publicação de áudios, fotos, bancos de dados e outros, desde que seja para fins acadêmicos.

Em: ____ / ____ / ____

Responsável pela Criança

Pesquisadora

Orientador

Apêndice D

LIVRO BRINCADEIRAS DE JAMARY DOS PRETOS

Brincadeiras de Jamary dos Pretos



Nayra Gomes

Nayra Gomes

Brincadeiras de
Jamary dos Pretos

São Luís - Ma
J. A. A. Viegas Editora
2018

Copyright © Nayra Gomes - 2018.

Revisão e preparação de texto: Cleonice B. Rolim

Layout da capa: Jefferson Gomes

Ilustrações: Nayra Gomes

Ilustração da Capa: Hilana Silva

Diagramação: Jefferson Gomes

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita do Autor ou do Editor.

Editado conforme o novo acordo ortográfico.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Nayra Gomes 1989-

Brincadeiras de Jamary dos Pretos / Gomes, Nayra.
São Luís: J. A. A. Viegas Editora, 2018.

ISBN: 978-85-673520-9-1

1. Social - Maranhão 2. Brincadeiras

1. Título

CDD 300

À tia Nora, por ser a inspiração e um pouquinho mãe de cada uma das crianças.

Sumário

Prefácio -----	9
Brincadeiras de Jamary dos Pretos-----	11
1. Se esconde -----	12
2. Pira Garrafão-----	13
3. Pega-pega ou pegador -----	14
4. Cola barata -----	15
5. Pique gelo-----	16
6. Pira alta-----	17
7. Bandeirinha -----	18
8. Passarinho no ninho, cobra no buraco -----	19
9. Peru -----	20
10. Taco na lata -----	21
11. Bola queimada -----	22
12. Cabo de guerra-----	23
13. Amarelinha-----	24
14. Rodinha-----	25
15. Dançar tambor -----	27
16. Cavaleiro -----	28
17. Moto -----	29
18. Coelho na toca-----	30
19. Escola -----	31
20. Casinha/ Boneca -----	32
21. Adedonha -----	33
22. Barquinho-----	34
Galeria de Fotos -----	35

Prefácio

Este trabalho nasceu de uma convivência, amizade, admiração e gratidão pelos moradores de Jamary dos Pretos.

Durante minha pesquisa de mestrado tive a oportunidade de conhecer pessoas que me inspiraram. A cada ida a Jamary, eu saía com o coração transbordando de gratidão. A cada visita o aprendizado com seus costumes, sua simplicidade e muito mais, o seu carinho, me faziam sentir a completude e a essência do ser humano. Um pedaço de mim foi deixado lá e uma parte enorme de cada pessoa que conheci me acompanha para a vida.

Nunca agradecerei o suficiente todo o carinho que recebi em Jamary e posso dizer com toda a certeza que essa experiência mudou a minha vida e me transformou em uma pessoa completamente diferente do que já fui.

Nosso Senhor Jesus disse: “Vinde a mim as crianças, pois delas é o reino dos céus”; e após essa pesquisa, entendo o que Ele quis dizer, pois cada uma dessas crianças plantou uma rosa do Grande Jardim no meu coração.

Este livro é um esboço do que vivi e uma lembrança que espero servir para que as crianças de Jamary

nunca se afastem da essência da infância, mesmo quando essa idade passar; e para que tenham orgulho de serem quilombolas e um dia ensinem seus filhos e os filhos de seus filhos o valor que é ser um Filho de Jamary.

Nayra Rejane Rolim Gomes

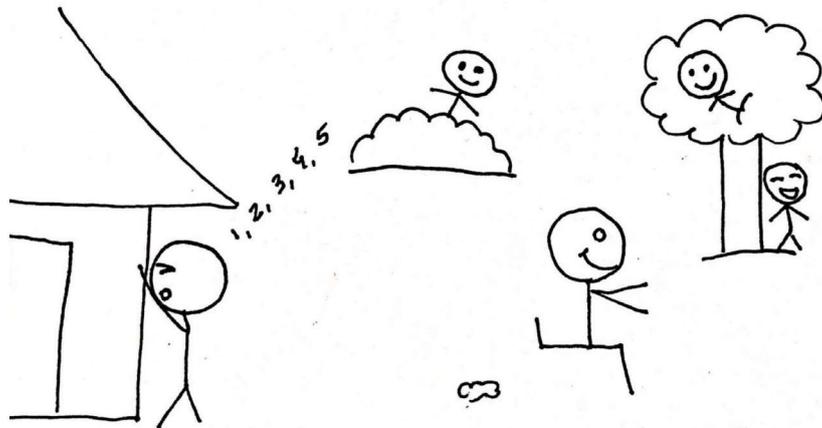
**Brincadeiras de
Jamy dos Pretos**

1. Se esconde

Número de participantes: acima de 5 pessoas

Local: lugar espaçoso

Descrição da brincadeira: também conhecida como “esconde-esconde” em outras regiões, é escolhida uma criança para procurar. Essa criança confere até um número determinado pelo grupo enquanto as outras se escondem. Quando termina a contagem, a criança sai para procurar e as outras tentam não ser encontradas.



2. Pira Garrafão

Número de participantes: acima de 5 pessoas

Local: lugar amplo que permita esconderijos.

Descrição da brincadeira: A palavra “pira”, em uma de suas muitas definições, significa “ação de pira (‘fugir’)”. Pira garrafão é muito parecida com “esconde-esconde”. Uma criança é escolhida para procurar. Ela confere até um número combinado dentro de um quadrado ou círculo desenhado no chão, ao lado de uma garrafa de plástico enquanto as outras crianças se escondem. Ao fim da contagem, a criança que está conferindo procura as outras. Enquanto procura as colegas, a criança encarregada, precisa também vigiar a garrafa. As crianças escondidas precisam sair de seus esconderijos e tentar chutar a garrafa para fora da demarcação antes que sejam impedidas.

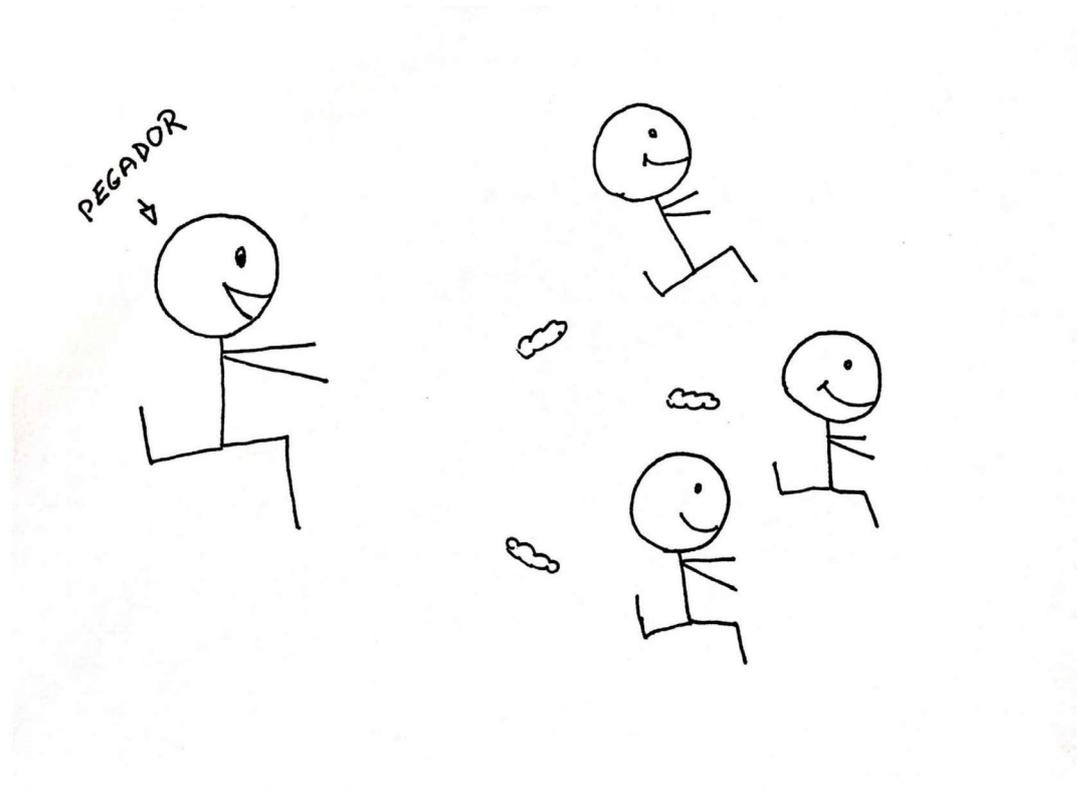


3. Pega-pega ou pegador

Número de participantes: acima de 5 pessoas

Local: espaço amplo que permita correr

Descrição da brincadeira: uma criança é eleita para ser o pegador e terá que alcançar as outras crianças enquanto correm, fugindo do pegador. Ao ser “colada”, a criança que foi pega passará a ser o pegador e a brincadeira continua.



4. Cola barata

Numero de participantes: acima de 5 pessoas

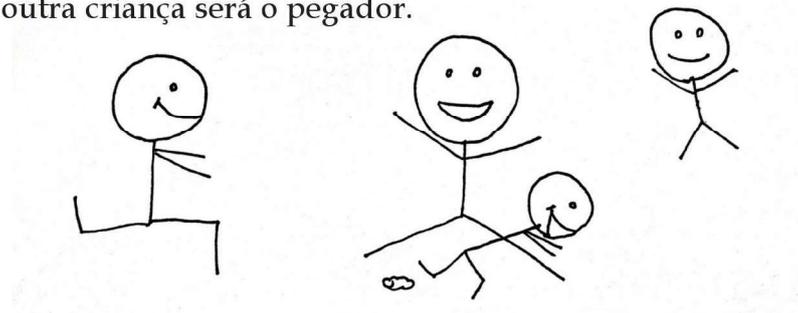
Local: espaço amplo que permita correr

Descrição da brincadeira: uma criança é eleita o pegador e terá que alcançar as outras crianças correndo. Quando o pegador tocar em alguém, essa pessoa fica “estátua” e espera que um colega a salve.

Para salvar a criança que está colada, uma outra criança terá que passar por baixo das pernas da colada.

A brincadeira de “cola barata”, como o nome sugere, lembra a posição do inseto, que anda próximo ao chão e costumeiramente, por baixo de objetos e pernas de pessoas. Para que a criança paralisada seja liberada da posição, é necessário estar com as pernas afastadas, permitindo que a criança que não foi colada, passe por baixo de suas pernas, e esta volte a correr e fugir do “pegador”.

Quando o pegador alcançar o maior número de crianças possível, impossibilitando que sejam descoladas, outra criança será o pegador.

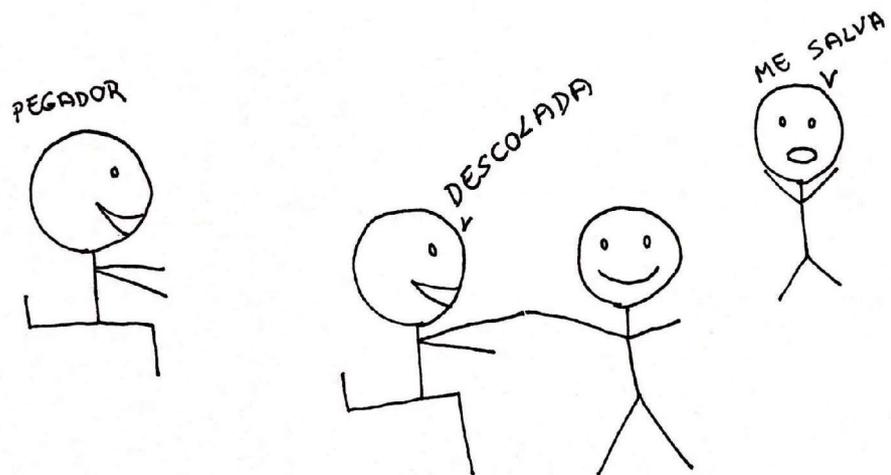


5. Pique gelo

Número de participantes: acima de cinco pessoas.

Local: lugar com espaço para correr.

Descrição da brincadeira: É escolhida uma criança para ser o “pegador”, que terá que alcançar as outras enquanto correm. Quando colar a criança, ela fica “congelada” até que outro colega a toque também para “descolar”.

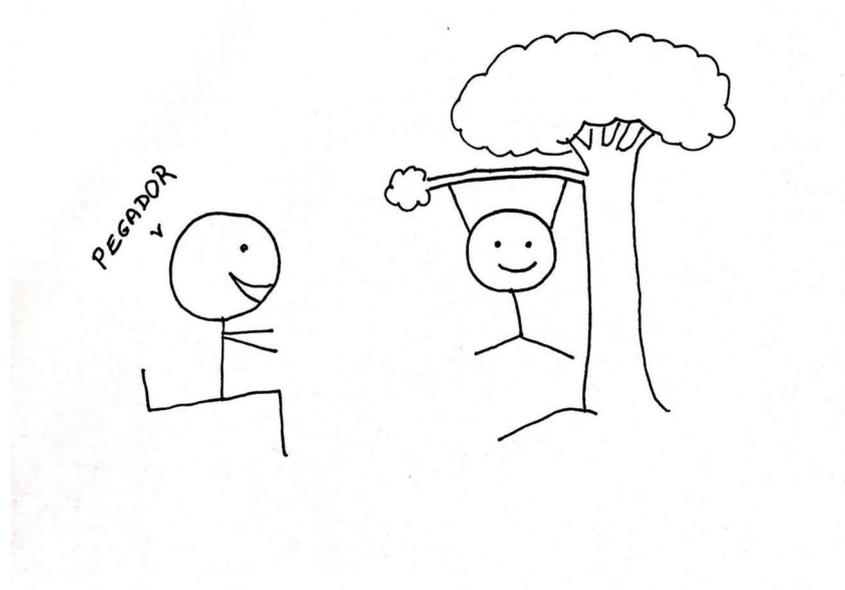


6. Pira alta

Número de participantes: acima de 5 pessoas.

Local: lugar com espaço para correr.

Descrição da brincadeira: Pira alta, também é uma brincadeira de grande esforço físico, onde as crianças fogem de um “pegador” e, para não serem pegas por ele, sobem em algum lugar alto. Enquanto estiverem no alto não podem ser pegas. Existe um tempo, definido pelas próprias crianças, em que é permitido ficar no local protegido. Quando alguma criança é pega, ela passa a ser o “pegador” e a brincadeira recomeça.

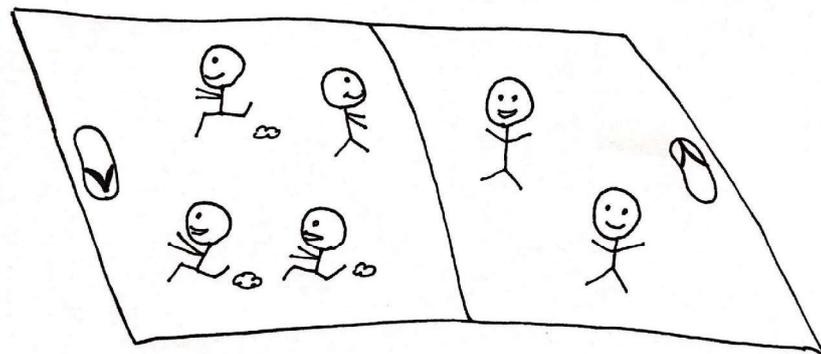


7. Bandeirinha

Número de participantes: acima de 8 pessoas

Local: lugar aberto e com espaço para correr

Descrição da brincadeira: Também conhecida como “rouba-bandeira” em outros lugares, bandeirinha se brinca dividindo as crianças em dois times e, com uma marca no chão, são delimitados dois territórios a serem ocupados pelos times. Ao fim de cada território será colocado um objeto escolhido por elas para representar a bandeira de cada time. O objetivo é que as crianças entrem correndo no território adversário e consigam pegar a “bandeira” e trazê-la ao seu campo, sem serem pegas por alguém do time adversário. Caso seja pega, essa criança fica “estátua” onde foi colada, até que alguém do seu time venha “descolá-la”.



8. Passarinho no ninho, cobra no buraco

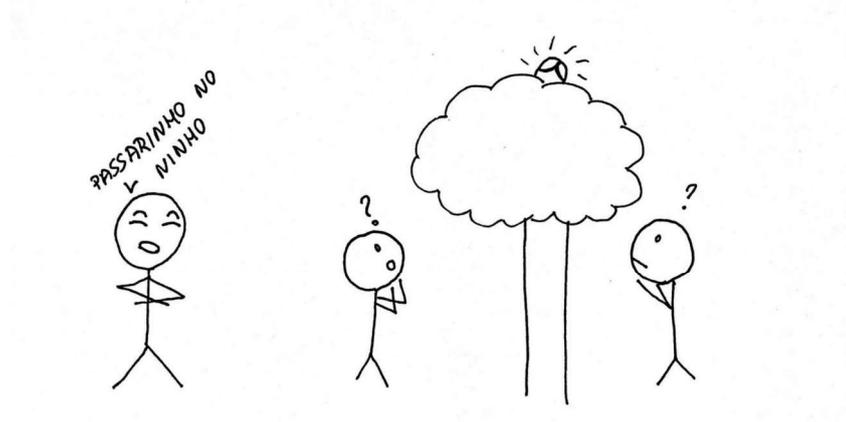
Número de participantes: acima de 8 pessoas.

Local: espaço amplo e com esconderijos

Descrição da brincadeira: Nesta brincadeira, uma criança é escolhida para esconder um objeto sem que as outras vejam. A criança que esconde o objeto decide se irá colocá-lo em um lugar alto ou próximo ao chão. Caso coloque em um lugar alto, dá a instrução aos outros dizendo: “Passarinho no ninho”. Então, as crianças correm pelo ambiente à procura do objeto que já sabem estar escondido de forma suspensa.

Caso o objeto seja escondido próximo ao chão, a criança dá a seguinte instrução: “Cobra no buraco”. Assim os colegas procuram o objeto em esconderijos próximos ao chão.

Encontrado o objeto, a criança que o encontrou

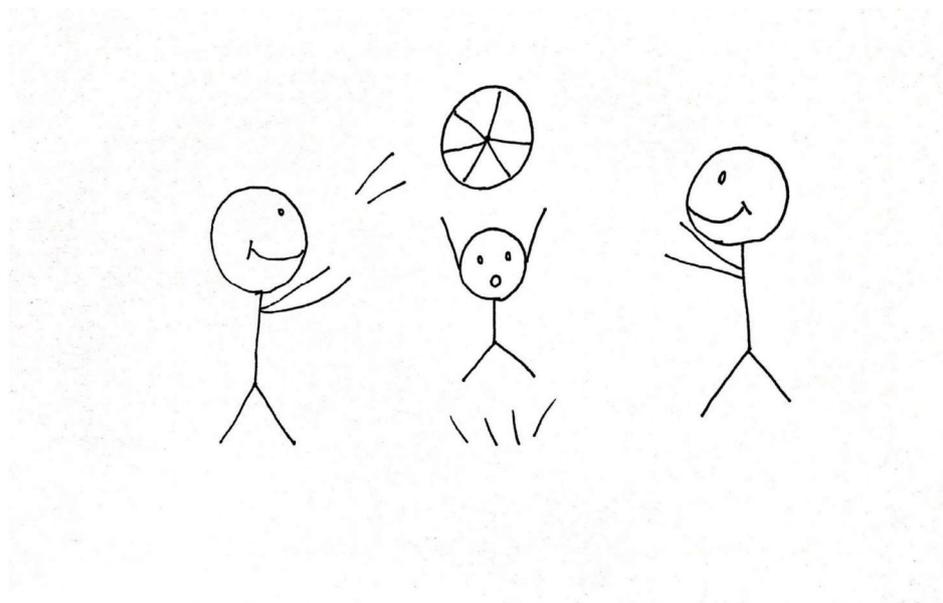


9. Peru

Número de participantes: 3 pessoas

Local: lugar espaçoso

Descrição da brincadeira: Duas crianças se posicionam de frente, uma para a outra, com um espaço de alguns metros separando-as. Entre elas, uma terceira criança (apelidada de peru) se posiciona. Um objeto é escolhido (pode ser uma bola) para ser arremessado para a criança do outro lado, sem que o 'peru' consiga pegá-lo. O objetivo desta brincadeira é que a criança que está entre as outras duas, consiga interceptar o objeto durante os lançamentos, deixando de ser o 'peru' e dando essa função para outra criança.



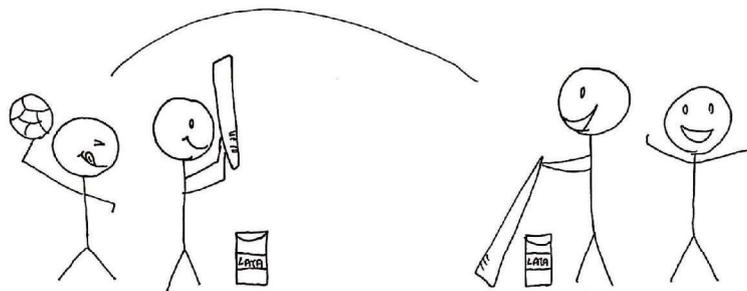
10. Taco na lata

Número de participantes: 4 pessoas

Local: lugar espaçoso

Objetos necessários: dois tacos, duas latas e uma bola.

Descrição da brincadeira: também conhecida como bete ou tacobol em outros lugares. As duas latas ou garrafas são posicionadas frente a frente, espaçadas por alguns metros, e duas crianças, cada qual com um pedaço de pau ou madeira, chamado de taco, se posiciona atrás da lata e com o taco à frente, de forma a proteger a lata. Outras duas crianças se posicionam, cada qual atrás de uma das crianças com os tacos, e jogam as bolas na lata oposta, com o intuito de derrubá-las. As crianças com os tacos devem usá-los para evitar que a bola derrube suas latas.

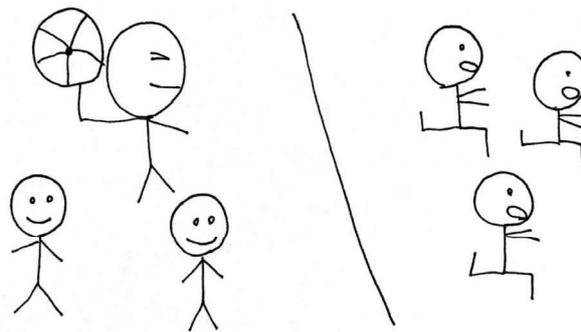


11. Bola queimada

Número de participantes: acima de 8 pessoas

Local: lugar com espaço para correr

Descrição da brincadeira: esta brincadeira é conhecida apenas como “queimado” em outros lugares. É preciso dividir o espaço em dois campos, pertencendo um campo a cada time. As crianças se dividem em igual número formando os times e ocupam seus campos de frente umas para as outras. O time que começar com a bola, tenta acertar os participantes do time adversário apenas arremessando a bola sem sair do seu campo. Se a bola bater em algum jogador do time adversário e cair no chão, essa pessoa foi queimada, mas se o jogador segurar a bola sem que ela caia no chão, ele terá a posse da bola e a vez de jogar. Vence o time que tiver o maior número de participantes que não foram queimados.

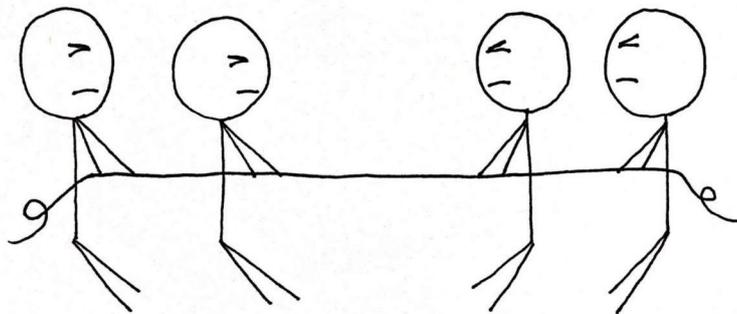


12. Cabo de guerra

Número de participantes: acima de 8 pessoas

Local: espaço amplo

Descrição da brincadeira: em um cabo de guerra é necessário haver uma corda comprida, para que, divididas em dois times de mesmo número, as crianças se posicionem em fila, um time de frente para o outro, segurando a corda. O chão é marcado com um traço ou objetos, indicando o meio da corda. Os dois times começam a puxar a corda ao mesmo tempo e tentam trazer o time adversário para o seu lado do marco no chão. Ganha o time mais forte que conseguir arrastar todo o time adversário.

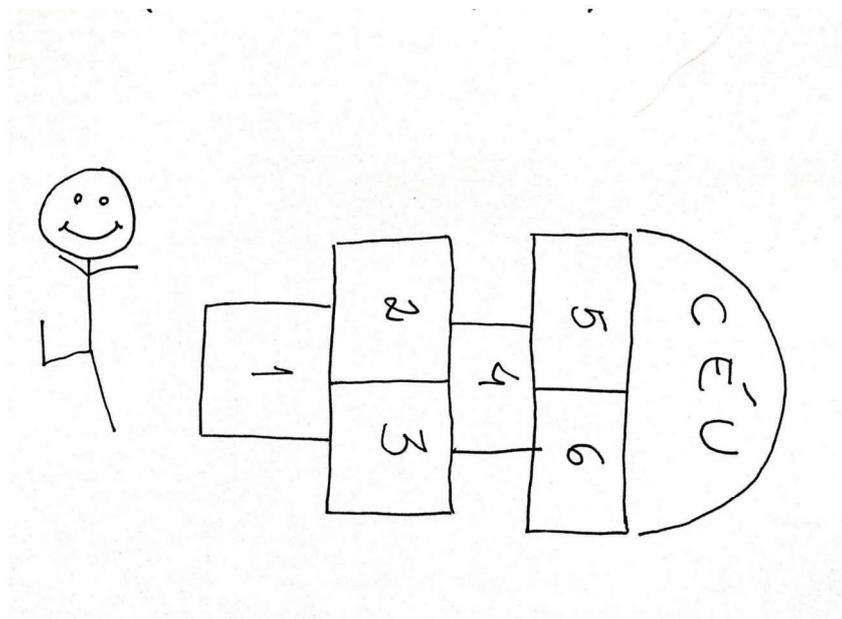


13. Amarelinha

Número de participantes: acima de 3 pessoas

Local: lugar com espaço e que possa riscar ou marcar o chão

Descrição da brincadeira: é feito um desenho no chão com a numeração de 1 a 10, seguido do “céu”. As crianças escolhem pedrinhas e jogam sua pedrinha em cada número na sequência crescente e pulam em um pé só cada um dos outros números até o céu, e retornam. O objetivo é conseguir jogar a pedrinha em todos os números e fazer o percurso sem pisar na linha ou perder o equilíbrio.



14. Rodinha

Número de participantes: acima de 3 pessoas

Local: espaço amplo

Descrição da brincadeira: Conhecida também como “brincadeira de roda” ou “cantigas de roda”, é uma brincadeira em que várias crianças dão as mãos em formato de círculo e, ao som de uma música cantada por elas, giram e dançam seguindo as instruções dadas pelas músicas.

Uma das músicas da rodinha é “A galinha do vizinho” que é brincada com as crianças sentadas no chão em círculo, enquanto cantam e batem palmas na seguinte música:

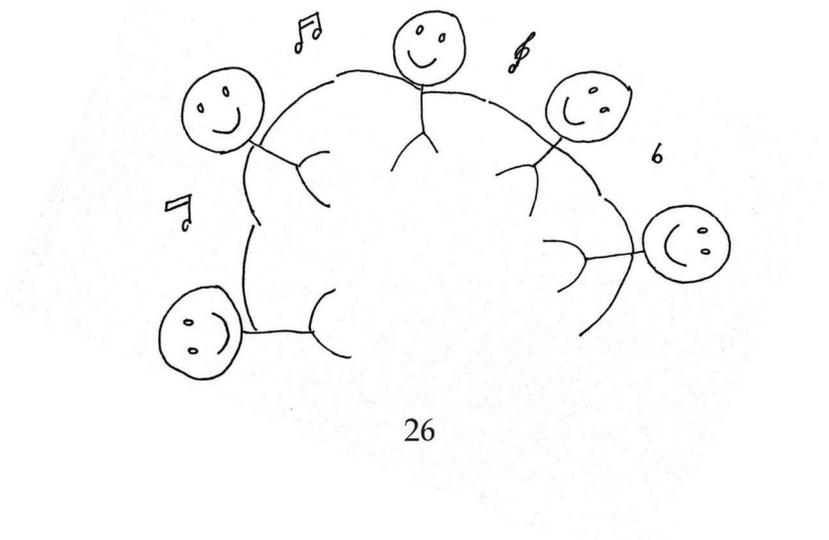
“A galinha do vizinho, bota ovo amarelinho:
Bota um, bota dois, bota três, bota quatro,
Bota cinco, bota seis, bota sete, bota oito,
Bota nove, bota dez”

Enquanto cantam, uma das crianças corre ao redor do círculo carregando um objeto escolhido por eles e ao fim da música, deixa o objeto atrás de uma das crianças do círculo. Esta pega o objeto e as duas correm em volta do círculo em busca do lugar que ficou vago. A brincadeira recomeça após a criança que chegar primeiro se sentar no lugar que estava vazio.

Outra cantiga comum em Jamary dos Pretos é a “Farinhada”:

“Vou fazer uma farinhada, muita gente eu vou chamar.
Vou fazer uma farinhada, muita gente eu vou chamar.
Só quem entende de farinha, venha peneirar aqui.
Vou chamar (nome da criança) para peneirar aqui.
Vou chamar (nome da criança) para peneirar aqui.
Só quem entende de farinha venha peneirar aqui.
Só quem entende de farinha venha peneirar aqui.”

Ao som da cantiga, as crianças dançam em círculo. Ao ter seu nome mencionado na música, a criança se dirige ao centro da roda e dança, fazendo movimentos de peneirar farinha. Podem ser chamadas várias crianças ao mesmo tempo (indicando a série que está cursando na escola) ou individualmente.



15. Dançar tambor

Número de participantes: não definido

Local: lugar espaçoso

Descrição da brincadeira: Descrita pelas crianças como “a brincadeira em que a gente veste a saia, coloca a música do tambor e começa a dançar na roda”, é a representação de uma das manifestações culturais de Jarmy dos Pretos, que é o Tambor de Crioula. Por terem nascido em meio à dança do Tambor de Crioula, as crianças representam isso em seu brincar, seja na reprodução da dança entre elas ou em desenhos, quando brincam com lápis e papel.

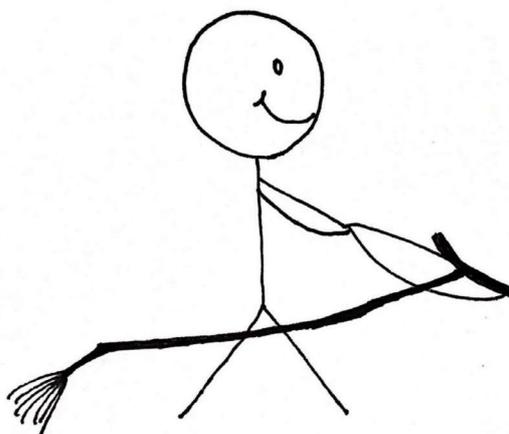


16. Cavaleiro

Número de participantes: a partir de 1 criança

Local: qualquer lugar

Descrição da brincadeira: Para brincar de cavaleiro é necessário construir um cavalo. As crianças utilizam o tucunzeiro (palmeira cheia de espinhos, típica da região) para, com alguns cortes na palmeira, deixá-la semelhante a um cavalo. Assim, imaginam situações como andar a cavalo e rotinas da fazenda, em que encenam usando o cavalo produzido.

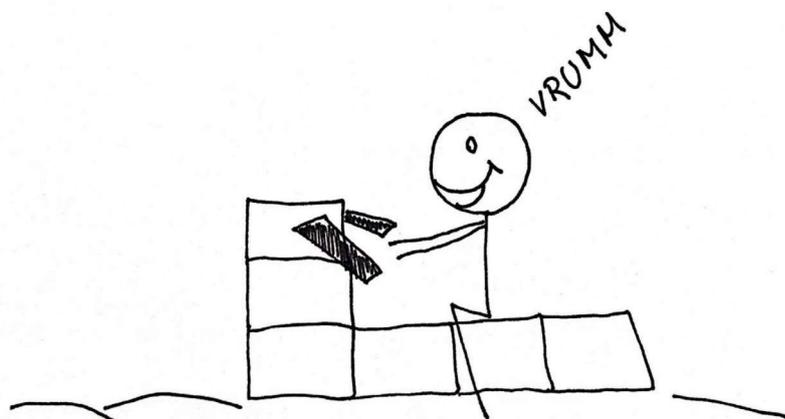


17. Moto

Número de participantes: 1 criança

Local: lugar espaçoso

Descrição da brincadeira: a criança constrói uma moto com tijolos, pedaços de pau ou pedaços de uma moto e com a boca reproduz o barulho da moto e imagina que está viajando por diversos lugares, ou dentro de Jarmy mesmo.



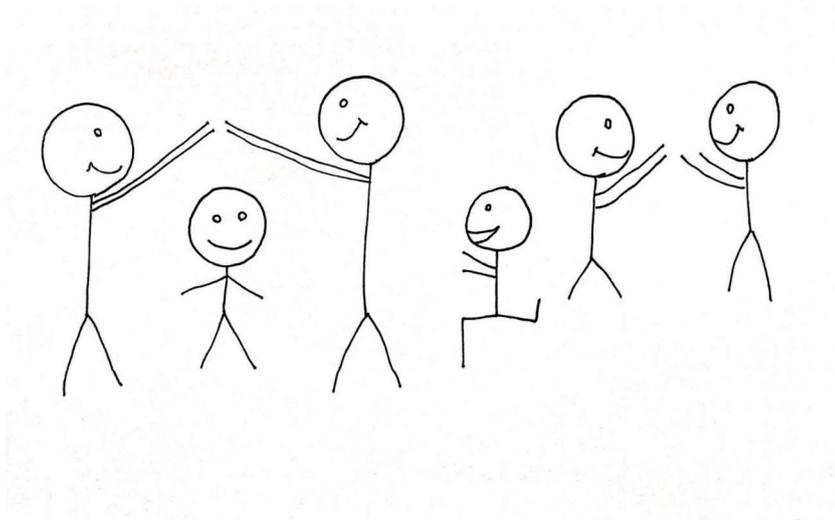
18. Coelho na toca

Número de participantes: acima de 10 crianças

Local: lugar espaçoso

Descrição da brincadeira: são formados trios. Duas crianças seguram as mãos formando uma toca e a terceira criança fica dentro da toca, sendo o coelho. Todos os outros trios repetem essa mesma formação em um círculo.

Quando o organizador da brincadeira falar “toca”, todas as crianças que estão montando as tocas saem do lugar e montam tocas para outros coelhos. Quando o organizador falar “coelho”, os coelhos saem das tocas e procuram outras tocas.

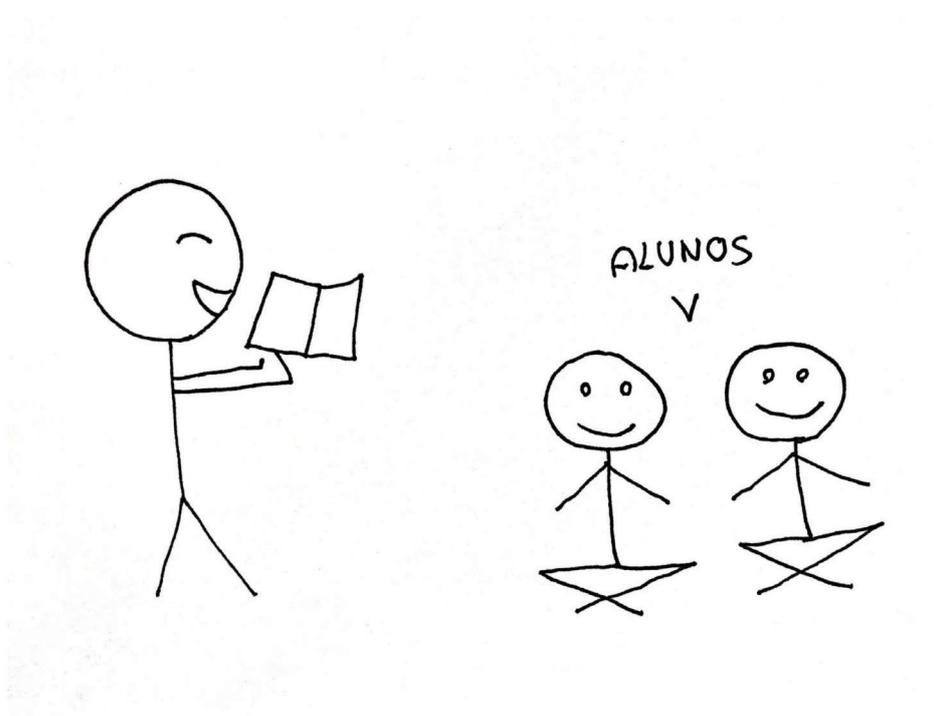


19. Escola

Número de participantes: acima de duas crianças

Local: lugar com mesa e cadeira

Descrição da brincadeira: uma criança será a professora e a outra será aluna. A professora passa as atividades, ensina e faz chamada, encenando como acontece na escola.



20. Casinha/ Boneca

Número de participantes: 1 criança ou mais

Local: dentro de casa, quintal de casa ou espaços abertos

Descrição da brincadeira: brincar de casinha é reproduzir o dia-a-dia de uma vida doméstica. A criança “monta” a sua casinha, muitas vezes de madeira ou palha no quintal ou em outro lugar ao ar livre, e com materiais alternativos constroem o cenário de uma casa, fazendo desde móveis até utensílios domésticos. Depois de construída e mobiliada a casinha, a criança reproduz as ações como cozinhar fazendo bolo de terra molhada, limpar a casa, cuidar dos filhos, fazer farinha e trabalhar. É possível brincar meninos e meninas juntos. Quanto mais criatividade, mais legal a brincadeira.



21. Adedonha

Número de participantes: a partir de 2 crianças ou adultos

Local: qualquer lugar

Objetos necessários: papel e caneta ou lápis para cada participante

Descrição da brincadeira: os participantes escrevem no papel em forma de tabela itens como: nome de pessoa, objeto, fruta, lugar, animal, dentre outros itens que podem ser combinados entre a turma, como música ou filme, de acordo com a criatividade do grupo. Ao montarem suas tabelas, os participantes colocam números com os dedos e somam para saber qual a letra do alfabeto é referente ao número selecionado. Descoberto isso, todos são desafiados a preencher suas tabelas com palavras que começam com a letra que foi sorteada. O objetivo é completar a tabela antes dos demais.

ADEDONHA

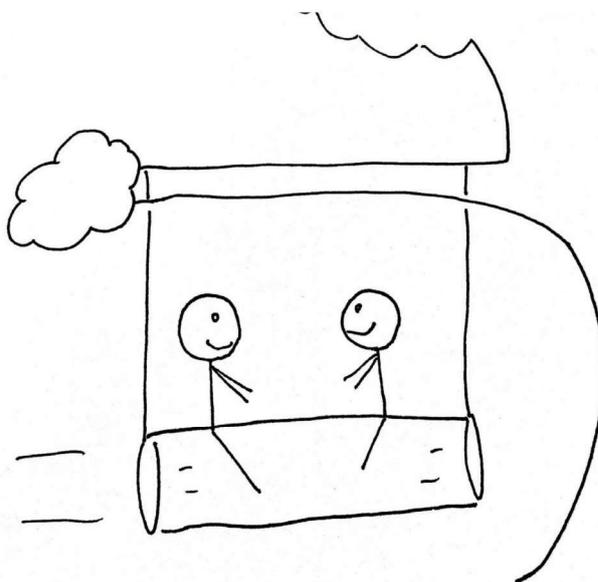
NOME	ANIMAL	OBJETO	LUGAR	TOTAL
ANA 5	ANTA 10	ANEL 5	ALEMANHA 10	30
BIA 10	BOI 5	0	BRASIL 5	20

22. Barquinho

Número de participantes: a partir de 1 pessoa

Local: árvores ou outro local que permita ficar suspenso

Descrição da brincadeira: para brincar de barquinho a criança vai utilizar um pedaço de madeira e, presa pelas duas pontas, vai amarrá-la em uma árvore como uma espécie de balanço, mas mais comprido. Então, as crianças sobem no barquinho e balançam, imitando o movimento na água. É possível usar a criatividade para imaginar diversas situações e aventuras.



Galeria de Fotos



Nas ruas de
Jamary dos Pretos



Crianças brincando
de bicicleta



Crianças brincando de bom barquinho em frente à escola



Criança demonstrando o cavalo feito de madeira



Coelho na toca
na escola de Jamary





Crianças de várias idades brincando na escola



Desenho do Tambor de Crioula feito por uma das crianças



Corrida dos meninos



No local do brincar
de escola e casinha



Meninos jogando futebol



Moto feita de tijolos



Empinando pipa







Mais brincadeira de roda



Jamary dos Pretos

Este livro foi impresso pela Printi sobre papel offset 90g
na tipologia Book Antiqua

Este livro é resultado de uma experiência etnográfica e de observação participativa durante uma pesquisa de mestrado. Resultou em um compilado de brincadeiras das crianças de Jamary dos Pretos, que servirá de memória e presente, para que nunca se esqueçam o valor de brincar e ser quilombola.

